

Anexo 9 – Reapresentação do Diagnóstico de Mamíferos Marinhos

II.5.2. MEIO BIÓTICO

H. Identificação e Mapeamento das Rotas e Épocas de Migração e Reprodução de Mamíferos Marinhos e suas Áreas de Concentração

II.5.2.H.1. Introdução

A ordem Cetacea inclui as baleias, golfinhos e botos, formando o grupo de mamíferos aquáticos mais diverso, com 86 espécies descritas no mundo (GRZIMEK et al., 2003), a maioria delas marinhas, das quais pelo menos 54 ocorrem no Oceano Atlântico Sul (LUNA, 2014). Apesar de passarem todas as fases de seu ciclo de vida na água, o grupo dos cetáceos, assim como os outros mamíferos aquáticos, possui ancestrais terrestres, que se adaptaram à vida na água. Dentre as adaptações ao modo de vida aquático, os cetáceos possuem a cauda e os membros anteriores em forma de nadadeiras, não possuem membros posteriores, possuem a pele lisa (sem pelos) e formato fusiforme, hidrodinâmico. Possuem uma espessa camada de gordura sub-cutânea que isola sua temperatura corporal, os orifícios respiratórios se localizam no alto da cabeça, em uma posição estratégica para facilitar a tomada de ar, entre outras características (GRZIMEK et al., 2003). Os cetáceos possuem a nadadeira caudal achatada no sentido horizontal, e não vertical como os peixes, o que pode estar relacionado ao fato da movimentação dorso-ventral (de cima para baixo) da coluna vertebral durante a locomoção ser padrão nos mamíferos terrestres, dos quais os cetáceos se originaram.

Atualmente existem duas subordens de cetáceos, os Mysticeti (baleias-de-barbatanas) e os Odontoceti (cetáceos-de-dentes). As maiores diferenças entre os dois grupos estão na cabeça. Os misticetos possuem cabeças em geral maiores e não possuem dentes, e sim barbatanas, que são estruturas de queratina que funcionam filtrando os alimentos que são capturados juntamente com grande quantidade de água; também possuem orifícios respiratórios duplos, entre outras características. Por outro lado, os odontocetos possuem dentes, não possuem barbatanas e possuem um único orifício respiratório. Outra importante característica distintiva dos dois grupos é o fato de os odontocetos terem

desenvolvido a ecolocalização, que consiste na emissão de sons que ecoam nos obstáculos e quando recebidos são analisados de forma a produzir uma imagem tridimensional do ambiente. Os mysticetos não realizam ecolocalização, apesar de produzirem vocalizações complexas, ligadas a seu comportamento social (GRZIMEK et al., 2003). O grupo dos mysticetos inclui as espécies de maior tamanho, inclusive o maior ser vivo já existente, a baleia-azul (*Balaenoptera musculus*), com aproximadamente 160 toneladas e atingindo até 30 metros. Por outro lado, o grupo dos odontocetos inclui espécies de menor tamanho, como certas espécies de golfinhos e botos que pesam menos de 100 kg. Entretanto, o tamanho por si só não é uma característica distintiva entre os dois grupos, visto que alguns odontocetos, como a cachalote (*Physeter macrocephalus*; 40 toneladas), são maiores que alguns mysticetos, como a baleia-minke-anã (*Balaenoptera acutorostrata*; 14 toneladas) (PAGLIA et al., 2012).

A maioria dos Mysticeti são espécies migratórias, apresentando períodos de alimentação (no verão) que passam em mares de maior latitude. Alimentam-se de pequenos crustáceos, copépodos ou peixes que formam grandes cardumes, como sardinhas; e períodos de reprodução (no inverno). Migram para águas mais quentes da região tropical ou sub-tropical para dar à luz, amamentar os filhotes e acasalar (ZERBINI et al., 1999).

Já os Odontoceti não apresentam padrões migratórios de longas distâncias entre águas polares e tropicais ou sub-tropicais, embora variações sazonais na abundância de algumas espécies possam estar relacionadas a características ambientais, como disponibilidade de presas (ZERBINI et al., 1999). Migrações menos extensas podem ocorrer em determinadas espécies ou populações, como migrações entre áreas oceânicas e costeiras e migrações norte-sul (CULIK, 2004).

Os cetáceos utilizam os mais variados habitats aquáticos, o que se relaciona com suas formas de utilização de recursos e seus ciclos de vida. As espécies podem ser classificadas quanto a seus hábitos de utilização dos ambientes em oceânicas (ou pelágicas), que são as espécies que vivem em mar aberto, fora da plataforma continental; costeiras, espécies que vivem próximo à costa, sobre a plataforma continental; estuarinas, espécies associadas aos estuários e desembocaduras de rios; e espécies de água doce. Também existem espécies

que utilizam os recursos disponíveis em habitats específicos, como a região do talude continental, sobre cadeias de montanhas submersas ou ao redor de ilhas oceânicas. As espécies de mysticetos são exclusivamente marinhas, habitando águas oceânicas e costeiras, e só penetrando em estuários acidentalmente. Por outro lado, os odontocetos possuem representantes nos mais variados ambientes aquáticos, com espécies oceânicas, costeiras, estuarinas e também espécies de água doce. Algumas espécies também podem ocupar mais de um ambiente, explorando, por exemplo, águas oceânicas e costeiras, costeiras e estuarinas, etc. É notável o caso de algumas espécies de mysticetos, que possuem hábitos oceânicos em seus períodos de alimentação próximos aos polos e durante as migrações, e hábitos costeiros durante seus períodos reprodutivos em águas mais quentes. Esse comportamento pode ser explicado pela busca por ambientes mais abrigados para a realização das atividades reprodutivas (LUNA, 2014; PAGLIA et al., 2012).

Além dos cetáceos, podem ser citados outros dois grupos de mamíferos marinhos, sendo os sirênios e os pinípedes. A ordem Sirenia abriga duas famílias (Dugongidae e Trichechidae) e quatro espécies no mundo, sendo o dugongo (*Dugong dugon*), o peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*), o peixe-boi-da-Amazônia (*Trichechus inunguis*) e o peixe-boi-africano (*Trichechus senegalensis*) todas consideradas ameaçadas de extinção. Dessas quatro espécies, apenas o peixe-boi-marinho e o peixe-boi-da-Amazônia ocorrem no Brasil (ANDRADE et al., 2011; REYNOLDS et al., 2009). Já os pinípedes pertencem à ordem Carnivora e são compostos por espécies de focas (Família Phocidae), leões e lobos marinhos (Família Otariidae) e morsas (Família Odobenidae). Todas as espécies de pinípedes habitam os oceanos, são nadadores extremamente hábeis e podem passar longos períodos em terra. Destaca-se, no entanto, que, para o presente diagnóstico, os mamíferos marinhos são representados apenas pelos cetáceos, visto que as duas espécies de sirênios brasileiras ou não ocorrem (no caso do peixe-boi-da-Amazônia) ou já foram preteritamente extintas (no caso do peixe-boi-marinho) da área diagnosticada. Já os pinípedes apresentam apenas registros inconstantes e ocasionais na área diagnosticada, consistindo, possivelmente, de indivíduos errantes (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011).

Os mamíferos aquáticos em geral possuem ciclos de vida longos, atingem a maturidade tardiamente, possuem baixa taxa reprodutiva e potencial bioacumulador, o que os torna mais vulneráveis a uma série de ameaças (ANDRADE et al., 2011; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). A ameaça mais antiga às espécies do grupo é a caça, que já levou à extinção espécies como a vaca-marinha-de-Steller (*Hydrodamalis gigas*), uma espécie de peixe-boi do Pacífico Norte que atingia 8 m e 5 a 11 toneladas, extinto no século XVIII (ANDRADE et al., 2011; DOMNING et al., 2008).

No Brasil, a caça comercial foi uma das principais causas de mortalidade de cetáceos no passado, sendo ainda considerada uma ameaça atual na região norte do país (ANDRADE et al., 2011; ZERBINI et al., 1999). Uma única estação baleeira na costa da Paraíba chegou a capturar mais de 1000 baleias por ano quando ativa (TOLEDO, 2009). Entretanto, no caso dos cetáceos, felizmente a caça foi suspensa no Brasil em 1985 com a adoção da moratória proposta pela Comissão Internacional Baleeira (IWC) e, posteriormente, a Lei Federal nº 7643, de 18 de dezembro de 1987 proibiu o molestamento intencional de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras (ZERBINI et al., 1999).

Atualmente, considera-se que as maiores ameaças aos mamíferos marinhos estão relacionadas à interação e captura acidental em artefatos de pesca, choque com embarcações e diversos tipos de degradação ambiental (ZERBINI et al., 1999). As interações com atividades de pesca e capturas acidentais em artefatos como redes, espinhéis e cabos afetam principalmente as espécies de menor porte, que, quando enroscadas ficam impedidas de retornar à superfície para respirar, ou sofrem ferimentos decorrentes dessa interação (ANDRADE et al., 2011; LUNA, 2014, ROCHA-CAMPOS et al., 2011). As capturas intencionais também ocorrem em algumas regiões, com a carne sendo utilizada para alimentação e a gordura como isca. Entretanto, na região onde se localiza a área do diagnóstico não existem registros recentes de captura intencional, apenas registros históricos (ZERBINI et al., 1999). Quanto à degradação ambiental, esta pode ser causada por poluição química (e.g. esgotos residenciais e industriais, resíduos da agricultura ou aquicultura, metais pesados e derivados de petróleo), poluição por plásticos e outros detritos sólidos, que podem ser confundidos com alimento e ingeridos (e.g. BHERING et al., 2010; COSTA et al., 2012b).

GUIMARÃES et al., 2013; MEIRELLES & BARROS, 2007; SECCHI & ZARZUR, 1999), aumento de turbidez da água ou poluição sonora (e.g. obras de engenharia costeira e oceânica, tráfego de embarcações e atividades de prospecção sísmica) (LUNA, 2014; ROCHA-CAMPOS et al., 2011; ZERBINI et al., 1999). O trânsito de embarcações também é uma das ameaças (ANDRADE et al., 2011; BEZAMAT et al. 2014; BORGES et al., 2007; ROCHA-CAMPOS et al., 2011; ZERBINI et al., 1999). Outras fontes de ameaça são o assoreamento e alteração de estuários, as mudanças climáticas, entre outras (ZERBINI et al., 1999).

II.5.2.H.2. Métodos

Para o diagnóstico dos mamíferos marinhos na área de influência do BM-CAL 11 e BM-CAL 12 foram compilados dados sobre a fauna de cetáceos do Brasil, buscando informações acerca da ocorrência das espécies nas bacias marinhas de Jequitinhonha e de Camamu-Almada.

Os dados coletados basearam-se na busca de trabalhos e livros científicos, informações de instituições que desenvolvem pesquisas sobre as espécies e dados de outras fontes disponíveis. Para o mapeamento das áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias foram utilizados os dados disponíveis na literatura científica que possuem subsídios que permitam a espacialização das informações.

A classificação taxonômica das espécies e a lista de espécies presentes em território nacional seguiu Paglia et al. (2012), com exceção do gênero *Delphinus*, para o qual o trabalho de Tavares et al. (2010) apresenta informações mais detalhadas que incluem uma nova espécie para o país. A classificação quanto à ameaça de extinção seguiu a versão mais recente da lista nacional de espécies ameaçadas do Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2014), a lista da IUCN (*International Union for Conservation of Nature Red List* – IUCN, 2016) e os apêndices da CITES (*Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Flora and Fauna* – CITES, 2016).

A classificação das espécies quanto aos habitats de ocorrência seguiu as informações ecológicas disponíveis na literatura especializada, assim como informações dos locais com registros de visualizações e capturas. Os habitats

considerados na classificação foram divididos em dois grandes grupos, águas rasas e águas profundas, e dentro desses grupos os habitats considerados foram, em águas rasas: região costeira (sobre a plataforma continental), estuários e água doce; em águas profundas: região oceânica e talude continental.

A ocorrência das espécies em cada uma das bacias marinhas que compõem a área do diagnóstico foi classificada em cinco categorias: “**confirmada**”, quando existem registros confiáveis de ocorrência da espécie; “**possível**”, quando não existem registros de ocorrência (ou estes são duvidosos), mas a área de distribuição teórica atribuída à espécie pela literatura especializada inclui a bacia em questão; “**inferida**”, quando além de a área de distribuição teórica da espécie incluir a bacia em questão, existem fortes indícios de ocorrência efetiva da espécie (como ocorrência confirmada em bacias adjacentes, entre outras informações ecológicas e biogeográficas disponíveis na literatura especializada); “**sem dados de ocorrência**”, quando a distribuição teórica atribuída à espécie não inclui a bacia e não existem dados de ocorrência, ou estes são duvidosos ou podem ser atribuídos a indivíduos vagantes, fora da área de distribuição natural da espécie; e “**extinta**”, categoria utilizada apenas para o peixe-boi-marinho nas bacias onde a espécie possuía distribuição de acordo com registros históricos confiáveis, mas teve suas populações extintas. Como o grupo dos mamíferos marinhos possui diversas espécies raras, de hábitos discretos, de difícil identificação e com grande capacidade de deslocamento, a definição dessas categorias baseou-se tanto nos dados disponíveis nas fontes consultadas, quanto na interpretação dada aos mesmos pela literatura especializada.

As informações obtidas com relação aos habitats ocupados pelas espécies e a ocorrência das mesmas nas bacias marinhas da área do diagnóstico foram combinadas para a criação de uma representação esquemática da ocorrência de cada espécie na área. Esses esquemas têm o objetivo de representar essas informações (que também são apresentadas em tabelas) de forma visual, sem o intuito de apresentar uma informação espacial detalhada da ocorrência das espécies. Informações espaciais detalhadas de ocorrência ou concentração, quando existentes, são apresentadas no **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**.

II.5.2.H.3. Resultados

No Brasil são reconhecidas atualmente 46 espécies de cetáceos, sendo oito mysticetos e 38 odontocetos (PAGLIA et al., 2012; TAVARES et al., 2010). Esse número representa mais de 50% das espécies de cetáceos conhecidas no mundo (MORENO, 2013). Apenas duas espécies brasileiras ocorrem exclusivamente em água doce, o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) e o boto-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*), todas as outras ocorrem em ambientes marinhos rasos e/ou profundos, incluindo também áreas estuarinas. O **Quadro II.5.2.H.3-1** apresenta as espécies que ocorrem nas bacias marinhas que compõem a área do diagnóstico, de acordo com a bibliografia disponível sobre suas áreas de ocorrência e seus registros confirmados (detalhada mais a frente, na descrição das espécies). Também é apresentada uma classificação segundo os habitats aquáticos nos quais as espécies são encontradas na área do diagnóstico, se realizam grandes migrações latitudinais (sendo, portanto, sazonais na área do diagnóstico) e as classificações de status de conservação segundo a lista nacional do Ministério do Meio Ambiente, a lista da IUCN e os apêndices da CITES.

Quadro II.5.2.H.3-1 - Espécies de cetáceos registradas no levantamento, com indicação de ocorrência atual nas Bacias Marítimas da área diagnosticada.

Táxon	Nome popular	Habitats		Migração	Ocorrência (Bacias Marinhas)		Ameaça		
		Rasos	Profundos		CAL	JEQ	MMA	IUCN	CITES
Ordem Cetaceae									
Subordem Mysticeti									
Família Balaenidae									
<i>Eubalaena australis</i>	Baleia-franca-austral	Co ¹	Oc/Ta ¹	Mi	P	P	EN		I
Família Balaenopteridae									
<i>Balaenoptera acutorostrata</i>	Baleia-minke-anã	Co ¹	Oc/Ta ¹	Mi ²	C	C			I
<i>Balaenoptera bonaerensis</i>	Baleia-minke-antártica		Oc/Ta	Mi	C	I		DD	I
<i>Balaenoptera borealis</i>	Baleia-sei		Oc/Ta	Mi	C	I	EN	EN	I
<i>Balaenoptera edeni</i>	Baleia-de-Bryde	Co	Oc/Ta	NM	C	I		DD	I
<i>Balaenoptera musculus</i>	Baleia-azul		Oc	Mi	I	I	CR	EN	I
<i>Balaenoptera physalus</i>	Baleia-fin		Oc	Mi	I	I	EN	EN	I
<i>Megaptera novaeangliae</i>	Baleia-jubarte	Co ³	Oc/Ta ³	Mi	C	C			I
Subordem Odontoceti									
Família Delphinidae									
<i>Feresa attenuata</i>	Orca-pigmeia		Oc	NM	I	C		DD	II
<i>Globicephala macrorhynchus</i>	Baleia-piloto-de-peitorais-curtas		Oc/Ta	NM	C	I		DD	II
<i>Grampus griseus</i>	Golfinho-de-Risso		Oc/Ta	NM	C	I			II
<i>Lagenodelphis hosei</i>	Golfinho-de-Fraser		Oc	NM	P	P			II
<i>Orcinus orca</i>	Orca	Co	Oc/Ta	DI	I	C		DD	II
<i>Peponocephala electra</i>	Golfinho-cabeça-de-melão		Oc	NM	C	I			II

Táxon	Nome popular	Hábitats		Migração	Ocorrência (Bacias Marinhas)		Ameaça		
		Rasos	Profundos		CAL	JEQ	MMA	IUCN	CITES
<i>Pseudorca crassidens</i>	Falsa-orca		Oc	NM	C	C		DD	II
<i>Sotalia guianensis</i>	Boto-cinza	Co/Es		NM	C	C	VU	DD	I
<i>Stenella attenuata</i>	Golfinho-pintado-pantropical		Oc	NM	C	C			II
<i>Stenella clymene</i>	Golfinho-de-Clymene		Oc	NM	C	C		DD	II
<i>Stenella coeruleoalba</i>	Golfinho-listrado		Oc	NM	I	I			II
<i>Stenella longirostris</i>	Golfinho-rotador		Oc/Ta	NM	C	C		DD	II
<i>Steno bredanensis</i>	Golfinho-de-dentes-rugosos	Co	Oc/Ta	NM	C	C			II
<i>Tursiops truncatus</i>	Golfinho-nariz-de-garrafa	Co/Es	Oc/Ta	NM	C	C			II
Família Kogiidae									
<i>Kogia breviceps</i>	Cachalote-pigmeu		Oc/Ta	NM	C	I		DD	II
<i>Kogia sima</i>	Cachalote-anão		Oc/Ta	NM	C	C		DD	II
Família Physeteridae									
<i>Physeter macrocephalus</i>	Cachalote		Oc/Ta	Mi	C	C	VU	VU	I
Família Ziphiidae									
<i>Mesoplodon densirostris</i>	Baleia-bicuda-de-Blainville		Oc	NM	P	P		DD	II
<i>Mesoplodon europaeus</i>	Baleia-bicuda-de-Gervais		Oc	NM	P	P		DD	II
<i>Mesoplodon layardii</i>	Baleia-bicuda-de-Layard		Oc	DI ⁴	P	P		DD	II
<i>Ziphius cavirostris</i>	Baleia-bicuda-de-Cuvier		Oc	NM	C	C			II

Hábitats rasos: Co= costeiro, Es= estuarino, AD= água doce. Hábitats profundos: Oc= oceânico, Ta= talude. Migração: Mi= migratória, NM= não migratória, DI= dados insuficientes. Bacias Marinhas: CAL= Camamu-Almada, JEQ= Jequitinhonha. Ocorrência: C= confirmada, I= inferida; P= possível. Ameaça segundo MMA (2014) e IUCN (2016): CR= criticamente em perigo, EN= em perigo, VU= vulnerável, DD= deficiente em dados; CITES (2016): Apêndices I e II.

Das 46 espécies brasileiras, apenas 17 não possuem nenhum dado de ocorrência na área estudada, 24 possuem ocorrência confirmada (ou inferida) para as duas bacias marinhas da área, e outras cinco espécies possuem ocorrência possível. Dentre essas 29 espécies com ocorrência confirmada, inferida ou possível, apenas uma ocorre exclusivamente em habitats de águas rasas (região costeira e/ou estuários), 21 ocorrem exclusivamente em habitats de águas profundas (região oceânica e talude) e sete espécies ocorrem tanto em águas rasas quanto em águas profundas (**Gráfico II.5.2.H.3-1, Quadro II.5.2.H.3-2**).

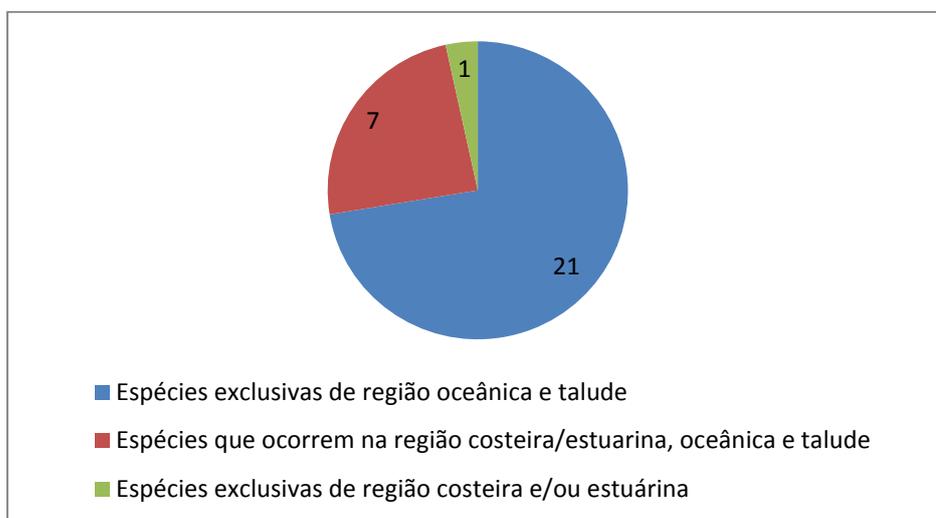


Gráfico II.5.2.H.3-1 – Distribuição das espécies de cetáceos nos habitats aquáticos da área de abrangência do diagnóstico.

Quadro II.5.2.H.3-2 – Espécies de cetáceos com ocorrência nos habitats aquáticos da área diagnosticada.

Espécies exclusivas de região costeira e/ou estuarina	Espécies exclusivas de região oceânica e talude	Espécies que ocorrem na região costeira/estuarina, oceânica e talude
Baleia-franca-austral Baleia-minke-anã Boto-cinza	Baleia-minke-antártica Baleia-sei Baleia-azul Baleia-fin Orca-pigmeia Baleia-piloto-de-peitorais-curtas Golfinho-de-Risso Golfinho-de-Fraser Golfinho-cabeça-de-melão Falsa-orca Golfinho-pintado-pantropical Golfinho-de-Clymene	Baleia-de-Bryde Baleia-jubarte Orca Golfinho-de-dentes-rugosos Golfinho-nariz-de-garrafa

Espécies exclusivas de região costeira e/ou estuarina	Espécies exclusivas de região oceânica e talude	Espécies que ocorrem na região costeira/estuarina, oceânica e talude
	Golfinho-listrado Golfinho-rotador Cachalote-pigmeu Cachalote-anão Cachalote Baleia-bicuda-de-Blainville Baleia-bicuda-de-Gervais Baleia-Bicuda-de-Layard Baleia-bicuda-de-Cuvier	

No caso da baleia-franca-austral e da baleia-minke-anã, apesar de serem encontradas em águas profundas em outras partes de sua distribuição, na área do diagnóstico elas compõem a comunidade de cetáceos de águas costeiras. Já no caso da baleia-jubarte ocorre sobre a plataforma continental na área do diagnóstico, mas também ocorre em águas oceânicas nas bacias localizadas ao sul do Banco de Abrolhos e da cadeia Vitória-Trindade, onde se localiza seu corredor migratório oceânico. Essas informações serão detalhadas mais a frente.

Quanto aos hábitos migratórios, os mysticetos (com exceção da baleia-de-Bryde) ocorrem sazonalmente na área do diagnóstico, durante sua época reprodutiva, que ocorre nos meses mais frios. O cachalote também possui hábito migratório, embora seus padrões de movimentação sejam mais complexos e menos conhecidos que os dos mysticetos, e a espécie possa ser encontrada em todas as épocas do ano na área do diagnóstico. As outras espécies não realizam grandes migrações latitudinais, ou os dados disponíveis são insuficientes para essa avaliação.

A seguir apresenta-se descrição detalhada das espécies com ocorrência confirmada, inferida ou possível para pelo menos uma das bacias marinhas da área de abrangência do diagnóstico, apresentando as informações disponíveis na literatura sobre sua ocorrência no território nacional e na área estudada, dados ecológicos, além de informações sobre áreas de concentração e corredores migratórios, quando disponíveis.

Subordem Mysticeti

Família Balaenidae

Eubalaena australis (Baleia-franca-austral)

A baleia-franca-austral pode atingir até 18 m de comprimento e 50 a 56 toneladas, sendo facilmente reconhecida pela ausência de nadadeira dorsal e de pregas ventrais. Outra característica marcante são as



Fonte: www.marinebio.org

calosidades existentes na região da cabeça, infestadas por colônias de crustáceos ciamídios, conhecidos como piolhos-de-baleia. A distribuição dessas calosidades permanece constante ao longo dos anos e é única para cada baleia, servindo como ferramenta para identificação individual (GROCH et al., 2013).

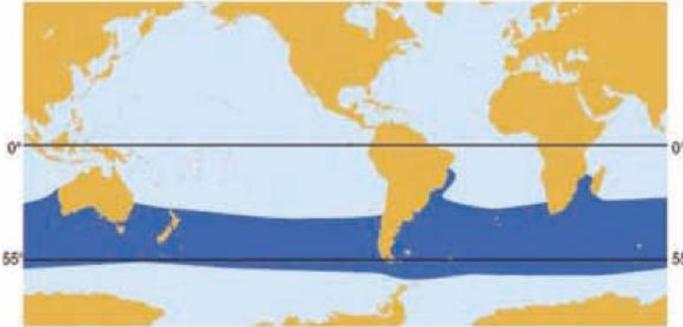
Possui distribuição circumpolar no hemisfério sul. A espécie apresenta um padrão migratório característico da maioria dos misticetos, permanecendo em águas mais quentes durante a época de reprodução no inverno e se alimentando durante o verão em altas latitudes. Alimenta-se basicamente de krill antártico (*Euphausia superba*), que filtra na superfície ou logo abaixo dela. É encontrada em águas abertas na maior parte de suas áreas de alimentação e possui hábitos costeiros durante o período reprodutivo, quando pode ser encontrada na costa brasileira (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). Apesar de não existirem informações concretas sobre as áreas de alimentação (e sobre as rotas migratórias) utilizadas pelos animais que frequentam a costa brasileira, as áreas conhecidas situam-se próximas à Convergência Antártica e no entorno das Ilhas Geórgias do Sul (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011).

Existem quatro estoques reprodutivos principais de baleias-francas-austrais reconhecidos no Hemisfério Sul, com pequenas populações associadas a estes estoques, na África do Sul, na Austrália, na América do Sul e na região subantártica da Nova Zelândia. Na América do Sul, a principal concentração reprodutiva ocorre nas águas costeiras da Península Valdés, Argentina, com uma

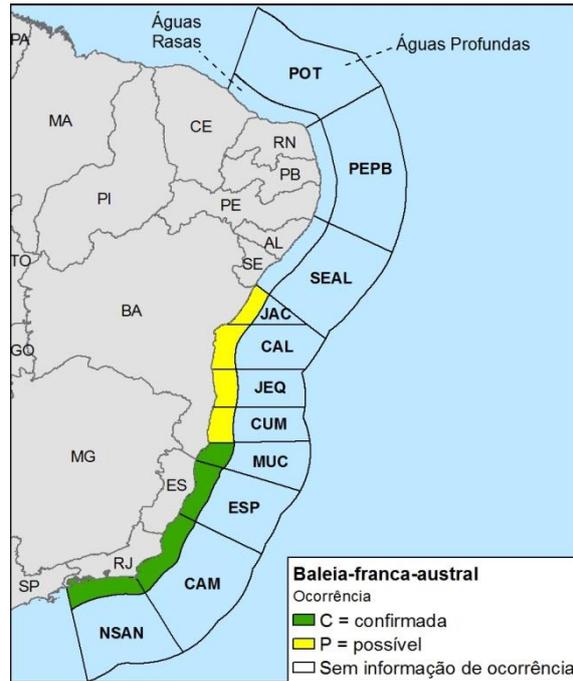
pequena população que frequenta águas brasileiras, provavelmente relacionada à população da Argentina (IWC, 2001; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). No Brasil, a principal área de concentração reprodutiva situa-se na costa dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde a espécie ocorre durante os meses de maio a dezembro, com pico de avistagem de agosto a outubro (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011).

Os registros históricos indicam a ocorrência da baleia-franca ao longo da plataforma continental até a região do recôncavo baiano e existem registros recentes da espécie do Rio Grande do Sul até o Banco de Abrolhos, na Bahia (ANDRIOLO et al., 2006; BARROS, 1991; GEISE & BOROBIA, 1988; LUNA, 2014; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SANTOS et al., 2001; WEDEKIN et al., 2004), além de uma ocorrência no litoral norte da Bahia (BARACHO-NETO et al., 2002; SIMMAM, 2016). Isso indica que a população da costa brasileira parece estar se recuperando e reocupando sua antiga área de distribuição, embora ainda em números significativamente baixos (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). Com base nesse conjunto de dados, considera-se que a espécie possui ocorrência atual confirmada até o sul da Bahia, com ocorrência possível até o norte do estado. Os dados de sazonalidade de ocorrência na área do diagnóstico indicam que a espécie ocorre na região nordeste entre julho e outubro (SICILIANO et al. 2006; SIMMAM, 2016).

A espécie é considerada em perigo pela lista nacional de espécies ameaçadas (MMA, 2014) e é listada no apêndice I da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da baleia-franca-austral (*Eubalaena australis*). Fonte: Rocha-Campos & Câmara (2011).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-franca-austral (*Eubalaena australis*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Família Balaenopteridae

Balaenoptera acutorostrata (Baleia-minke-anã)

Esta é a menor espécie dentre as rorquais (família Balaenopteridae), atingindo por volta de 10 m. Possui ampla distribuição, sendo encontrada nos oceanos do mundo. Alimenta-se de pequenos crustáceos e pequenos peixes formadores de cardumes (LUNA, 2014; SECCHI et al., 2003b; SICILIANO et al. 2006). No Atlântico Sul esta espécie realiza migrações sazonais entre as



Fonte: www.mnh.si.edu.

águas antárticas, onde se alimenta durante o verão, e a costa da América do Sul, onde passa a temporada reprodutiva, nos meses de inverno e primavera, embora seus padrões e rotas migratórias não sejam claros (LUNA, 2014; SICILIANO et al. 2006). A espécie não é rara no Brasil, onde ocorre principalmente entre os meses

de junho e dezembro (LUNA 2014; ROSSI-SANTOS et al., 2009; SECCHI et al., 2003b; ZERBINI et al., 1997, ZERBINI & SECCHI, 1996), e segundo Magalhães et al. (2006), dados de encalhes indicam o pico de ocorrência em território nacional entre os meses de julho e setembro.

Os padrões de ocorrência e migração da espécie na área de abrangência do diagnóstico não estão completamente elucidados. De acordo com Luna (2014), em altas latitudes, a baleia-minke-anã costuma se alimentar em águas oceânicas enquanto que, em médias e baixas latitudes (como na área do diagnóstico), seus sítios de alimentação se localizam em águas costeiras, sobre a plataforma continental. Dados de visualização da espécie em águas brasileiras confirmam sua ocorrência predominantemente costeira no Brasil, com registros nas áreas entre a costa e a quebra da plataforma continental, até aproximadamente 200 m de profundidade (SICILIANO et al. 2006). Por outro lado, também existem registros de visualizações realizados em águas mais profundas do talude continental e oceânicas, principalmente na costa das bacias de Santos e Campos (SICILIANO et al. 2006; SIMMAM, 2016). A espécie possui registros confirmados para todas as Bacias Marinhas entre Santos e Pernambuco-Paraíba, e ocorrência inferida para a Bacia Potiguar (GEISE & BOROBIA, 1988; HASSEL et al., 2003; ROSSI-SANTOS et al., 2009; SICILIANO et al. 2006; SIMMAM, 2016; ZERBINI et al., 1997, ZERBINI & SECCHI, 1996), compreendendo, dessa forma, as duas bacias marinhas abrangidas pelo diagnóstico.

Quanto à sazonalidade da ocorrência, a maior parte dos registros no Brasil serem no inverno e primavera, sendo a ocorrência confirmada da espécie na área de abrangência do diagnóstico para os meses de junho e dezembro, conforme apresentado pela literatura disponível (LUNA 2014; MAGALHÃES et al., 2006; ZERBINI et al., 1997, ZERBINI & SECCHI, 1996).

A espécie não é considerada ameaçada na lista nacional (MMA, 2014) nem na lista vermelha da IUCN (2016), mas é listada no apêndice I da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da baleia-minke-anã (*Balaenoptera acutorostrata*). Fonte: us.whales.org.



Representação esquemática da ocorrência da Baleia-minke-anã (*Balaenoptera acutorostrata*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Balaenoptera bonaerensis (Baleia-minke-antártica)

A baleia-minke-antártica é considerada a segunda menor espécie de rorqual, atingindo até 11 metros. Possui distribuição circumpolar no hemisfério sul, tendo seus registros mais ao norte sido realizados na costa



Fonte: cmmrleviathan.org

das Américas, com encalhes e avistagens no Brasil registrados do Rio Grande do Sul até o estado do Amapá (SICILIANO et al., 2011; SIMMAM, 2016; ZERBINI et al., 1997). Apresenta o padrão de migração característico da maioria dos rorquais, passando os meses mais quentes em grandes latitudes (próximo à Antártica, entre 60°S e 70°S) e migrando no inverno para águas mais quentes para se reproduzir (LUNA, 2014; SICILIANO et al., 2006, 2011). Tanto em suas áreas de alimentação quanto nas áreas de reprodução, esta espécie é encontrada em águas oceânicas, geralmente mais profundas que 1000 m (LUNA, 2014; TOLEDO, 2009).

Dados pretéritos e também atuais mostram a existência de uma área de concentração dessa espécie em águas profundas na costa nordestina, com maior quantidade de registros entre os estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte (ANDRIOLO et al., 2010b; LUCENA, 2006; LUNA, 2014; TOLEDO, 2009; **Mapa II.5.2.H.3-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**).

Lucena (2006) apresenta uma compilação de dados de diversos autores de avistagens e encalhes de filhotes da baleia minke no Atlântico Sul, mostrando que os mesmos foram observados no período de outubro a fevereiro nas latitudes de 25°S a 35°S; e os encalhes foram registrados na costa leste da América do Sul entre 25°S e 40°S (aproximadamente entre o sul da costa do Estado de São Paulo e a Argentina). Esses dados e a baixíssima frequência de fêmeas grávidas e filhotes registrados na região Nordeste do Brasil (LUCENA, 2006; TOLEDO, 2009) evidenciam que a espécie possui áreas distintas para acasalamento e nascimento dos filhotes, e que os nascimentos não ocorrem na área de abrangência do presente diagnóstico, e sim em latitudes maiores.

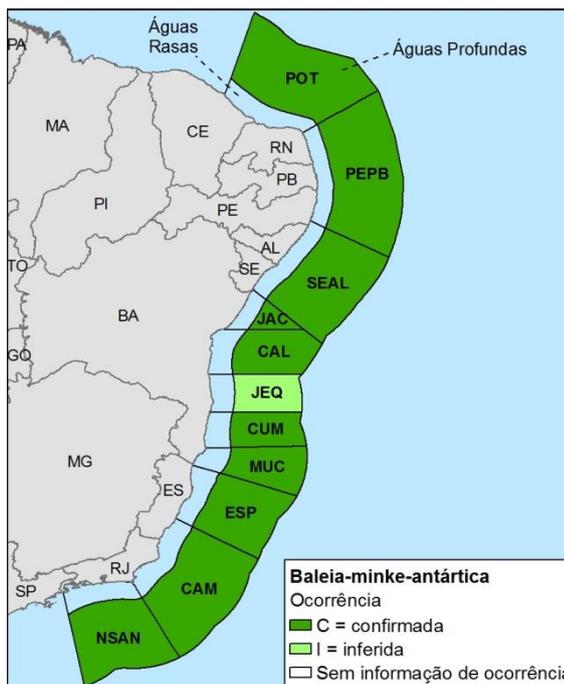
Dados de avistamentos do período de 1976 a 1987 mostram que a espécie se move dos locais de acasalamento em direção sul nos meses de outubro a novembro, e que a maioria dos indivíduos já haviam realizado a migração até águas antárticas em janeiro (SICILIANO et al., 2011). A avaliação da abundância de indivíduos entre junho e dezembro indica um pico de abundância em outubro (ANDRIOLO et al., 2010b; LUCENA, 2006; LUNA, 2014; SICILIANO et al., 2006; TOLEDO, 2009).

Dessa forma, o conjunto das informações existentes para a baleia-minke-antártica aponta para a ocorrência da espécie ao longo de toda a área diagnosticada durante seu período de reprodução no inverno e primavera, desenvolvendo atividades de acasalamento (ANDRIOLO et al., 2010b; LUCENA, 2006; LUNA, 2014; MORENO, 2013; SIMMAM, 2016; TOLEDO, 2009; WEDEKIN et al., 2014).

A baleia-minke-antártica é considerada com dados deficientes pela lista vermelha da IUCN (2016), e é listada no apêndice I da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da Baleia-minke-antártica (*Balaenoptera bonaerensis*). Fonte: us.whales.org.



Representação esquemática da ocorrência da baleia-minke-antártica (*Balaenoptera bonaerensis*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Balaenoptera borealis (Baleia-sei)

Esta é a terceira maior espécie de cetáceo, atingindo cerca de 20 m de comprimento, é encontrada em todo o mundo em águas oceânicas. Esta é provavelmente a espécie menos conhecida dentre os rorquais (baleias da família Balaenopteridae), mas sabe-se que possui hábitos alimentares distintos das demais espécies de rorquais, alimentando-se especialmente de copépodes, próximo à superfície. Durante o período reprodutivo (inverno e primavera) frequentam águas tropicais e migram durante o verão para águas temperadas frias e subpolares para se alimentar, mas ao contrário dos demais rorquais (com a exceção da baleia-de-Bryde), as baleias-sei raramente migram até as regiões polares (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). As rotas migratórias adotadas pela baleia-sei no Atlântico Sul, entretanto, são praticamente desconhecidas (SICILIANO et al., 2006).



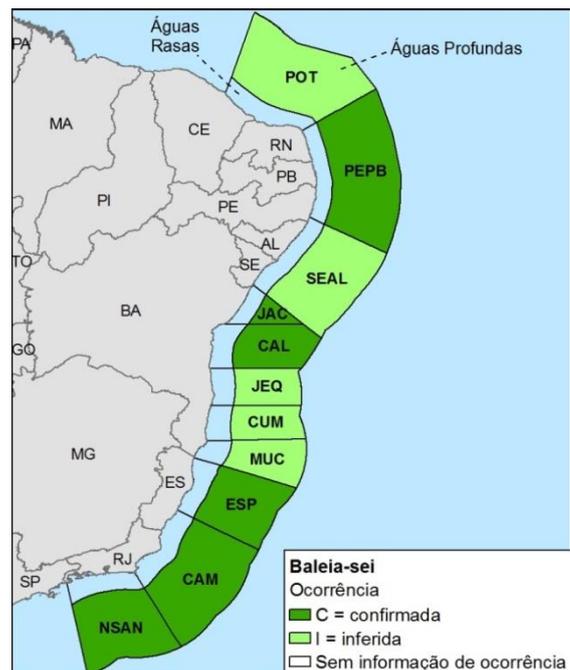
Fonte: www.mnh.si.edu.

No Brasil existem registros da época de caça, nas estações baleeiras de Costinha (Paraíba) e Cabo Frio (Rio de Janeiro), onde as capturas da espécie eram comuns (SICILIANO et al., 2006; TOLEDO, 2009; ZERBINI et al., 1997). Também existem registros de encalhes e avistamentos em águas profundas e no talude continental desde o estado de Pernambuco até o Rio Grande do Sul (ANDRIOLO et al. 2010b; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SIMMAM, 2016; ZERBINI et al., 1997). Na área do diagnóstico a espécie possui ocorrência confirmada para a bacia de Camamu-Almada e sua presença na bacia de Jequitinhonha se dá por inferência, pelos registros feitos nas bacias adjacentes ao sul e ao norte.

A espécie é considerada em perigo pela lista nacional de espécies ameaçadas (MMA, 2014), em perigo pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice I da CITES (2016).



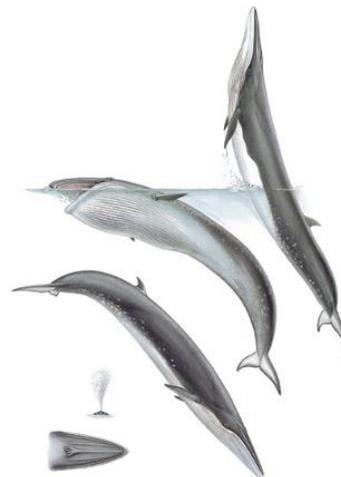
Distribuição mundial teórica da Baleia-sei (*Balaenoptera borealis*). Fonte: Rocha-Campos & Câmara (2011).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-sei (*Balaenoptera borealis*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Balaenoptera edeni (Baleia-de-Bryde)

A baleia-de-Bryde é a segunda menor espécie dentre os rorquais (família Balaenopteridae), atingindo um máximo de 15,5 m. Ao contrário dos demais rorquais, esta espécie se alimenta preferencialmente de peixes epipelágicos que vivem em grandes cardumes, como a sardinha (*Sardinella* spp.) e a anchova (*Anchoviella* spp.), embora também já tenham sido registrados cefalópodes e crustáceos pelágicos em sua dieta. Outra característica distintiva da espécie é o fato de ser o único misticeto que reconhecidamente não realiza grandes migrações latitudinais, tendo sua área de ocorrência em águas tropicais e temperadas de todo o mundo (entre as latitudes 40°N e 40°S), mas não ocorrendo em águas sub-polares ou polares (MOURA & SICILIANO, 2011; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). A sazonalidade dos registros no Brasil confirmam a ocorrência da espécie no país ao longo do ano todo (e.g. MOURA & SICILIANO, 2011; SICILIANO et al., 2004; SIMMAM, 2016).



Fonte: www.mnh.si.edu.

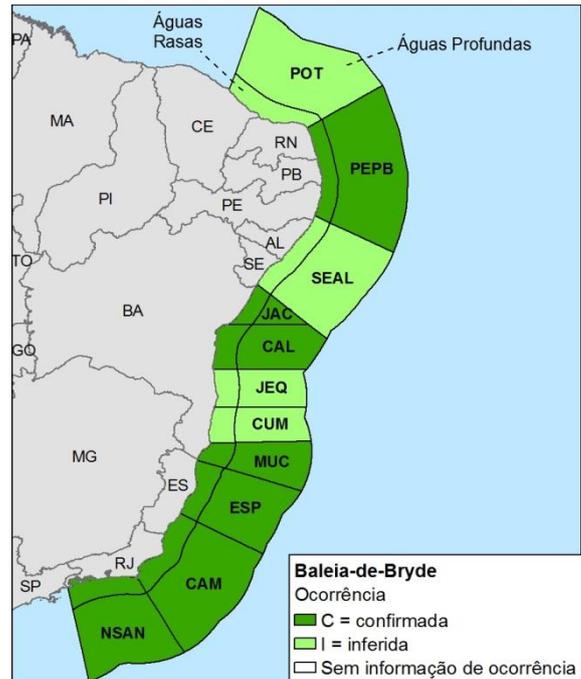
Esta espécie pode ser encontrada tanto em águas costeiras quanto oceânicas e no talude, sendo provável a existência de duas ou até três populações distintas no Atlântico Sul, uma na costa da África, uma oceânica e outra na costa do Brasil. Entretanto, a baleia-de-Bryde está entre as espécies menos conhecidas da família Balaenopteridae e, para o país, não existem informações precisas sobre taxonomia, ocorrência e distribuição (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). No Brasil sabe-se da ocorrência de indivíduos em zonas costeiras, oceânicas e no talude, existindo registros nos estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (ANDRIOLO et al., 2010b; FIGUEIREDO et al., 2014; GEISE & BOROBIA 1988; GONÇALVES, 2006; GONÇALVES et al., 2005; LIMA et al., 2006; LODI et al., 2015; MOURA & SICILIANO, 2011; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SICILIANO et al., 2004; SIMMAM, 2016; TOLEDO, 2009; ZERBINI et al., 1997). Os dados existentes confirmam a ocorrência da espécie para a bacia de Camamu-Almada e sua

presença na bacia de Jequitinhonha se dá por inferência, pelos registros feitos nas bacias adjacentes ao sul e ao norte.

A baleia-de-Bryde é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016), pelo fato de existirem dúvidas quanto à definição das possíveis espécies ou populações existentes, e é listada no apêndice I da CITES (2016).



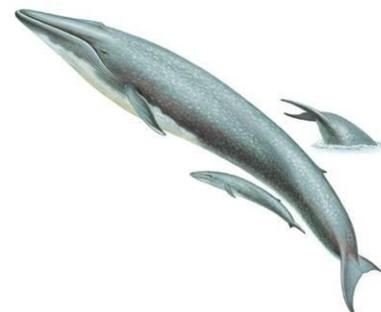
Distribuição mundial teórica da Baleia-de-Bryde (*Balaenoptera edeni*). Fonte: us.whales.org.



Representação esquemática da ocorrência da baleia-de-Bryde (*Balaenoptera edeni*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Balaenoptera musculus (Baleia-azul)

A baleia-azul é a maior espécie animal já vivente, medindo de 25 a 30 m de comprimento e atingindo 160 toneladas. Ocorre no mundo todo, preferencialmente em águas oceânicas profundas. Com exceção de uma possível população residente encontrada em uma área de grande produtividade durante o

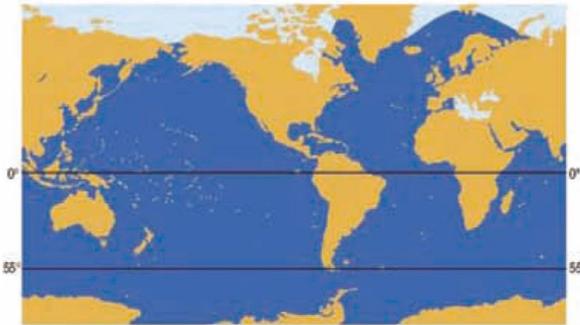


Fonte: www.mnh.si.edu.

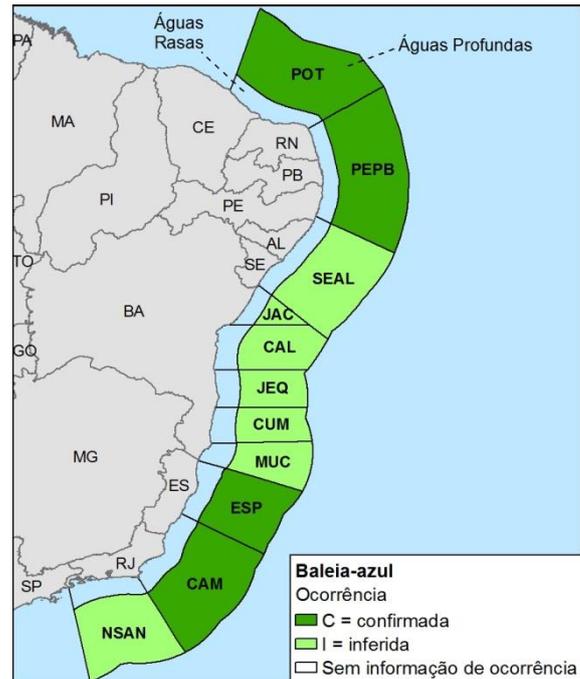
ano todo no norte do Oceano Índico (REEVES et al., 1998; REILLY et al., 2008), a espécie possui o padrão migratório característico da família Balaenopteridae, se alimentando em áreas próximas aos polos no verão e se reproduzindo em águas mais quentes no inverno (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). Entretanto, a localização exata das áreas reprodutivas da espécie no hemisfério sul é ainda desconhecida, bem como suas rotas migratórias.

Em função do reduzido tamanho populacional e de seus hábitos oceânicos, são raros os registros da espécie no Brasil, geralmente dados históricos relacionados à caça ou registros de encalhes e alguns avistamentos, nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, durante seu período reprodutivo no inverno e primavera (BARBIERI, 2004; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SIMMAM, 2016; TOLEDO, 2009; ZERBINI et al., 1997). Com base nesses dados, a ocorrência da espécie para as duas bacias marinhas da área de abrangência do diagnóstico é feita por inferência, pelo fato de haver registros da espécie tanto ao norte quanto ao sul.

No hemisfério sul a baleia-azul alimenta-se predominantemente do krill antártico (*Euphausia superba*) e também de outras espécies de eufausiáceos, copépodos e anfípodos planctônicos, além de pequenos peixes e cefalópodes (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). A espécie é considerada criticamente em perigo pela lista nacional de espécies ameaçadas (MMA, 2014), em perigo pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice I da CITES (2016).



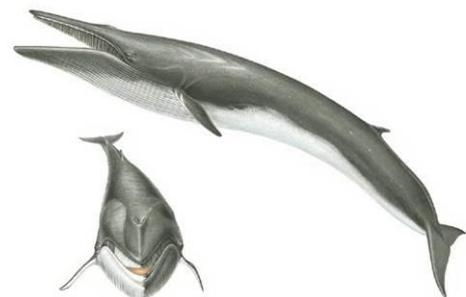
Distribuição mundial teórica da Baleia-azul (*Balaenoptera musculus*). Fonte: Rocha-Campos & Câmara (2011).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-azul (*Balaenoptera musculus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Balaenoptera physalus (Baleia-fin)

Esta é a segunda maior espécie de cetáceo, podendo atingir 26 m de comprimento. A principal característica diagnóstica da espécie é o padrão de pigmentação assimétrico que apresenta na região da cabeça. Do lado direito, a maxila inferior, a cavidade bucal e algumas cerdas da barbatana apresentam



Fonte: www.mnh.si.edu.

coloração cinza-claro e branca, enquanto que o lado esquerdo é uniformemente cinza-escuro. Apresenta uma distribuição cosmopolita, sendo encontrada preferencialmente em águas oceânicas (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011).

No Hemisfério Sul, a espécie alimenta-se predominantemente de espécies de krill (*Euphausia* spp.) e outros crustáceos planctônicos. São animais geralmente solitários ou encontrados em grupos de dois a sete indivíduos, embora grupos maiores possam ser observados em áreas altamente produtivas de seus sítios de

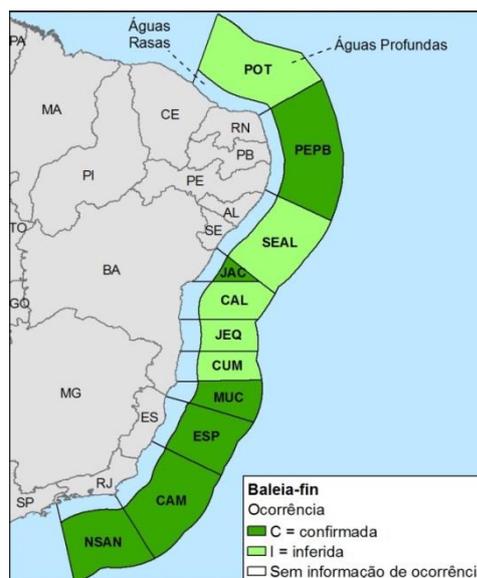
alimentação. Possuem um padrão de migração sazonal latitudinal entre as áreas de alimentação nas proximidades das regiões polares, onde ocorrem durante o verão, e as áreas de reprodução (baixas e médias latitudes), onde ocorrem durante o inverno, embora suas áreas de concentração invernal no Atlântico Sul Ocidental não sejam conhecidas. Pelas semelhanças em seus hábitos migratórios e alimentares, o encontro de grupos mistos de baleias-fins e baleias-azuis não é raro em suas áreas de alimentação, e a existência de híbridos entre as duas espécies é relativamente comum (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011).

No Brasil, existem registros no Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, durante seu período reprodutivo no inverno e primavera (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SIMMAM, 2016; TOLEDO, 2009; WEDEKIN et al., 2014; ZERBINI et al., 1997). Segundo os dados existentes, a baleia-fin possui ocorrência confirmada nas Bacias de Pernambuco-Paraíba, Jacuípe, Mucuri, Espírito Santo, Campos e Santos, e a ocorrência da espécie para as duas bacias marinhas da área diagnosticada é feito por inferência ocorrência inferida para as demais bacias da área.

Esta espécie é considerada em perigo pela lista nacional de espécies ameaçadas (MMA, 2014), em perigo pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice I da CITES (2016).



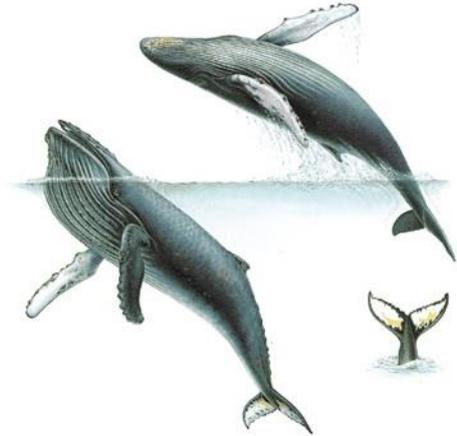
Distribuição mundial teórica da Baleia-fin (*Balaenoptera physalus*). Fonte: Rocha-Campos & Câmara (2011).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-fin (*Balaenoptera physalus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Megaptera novaeangliae (Baleia-jubarte)

A jubarte pode atingir até 16 m de comprimento e pesar de 35 a 40 toneladas. Caracteriza-se por apresentar nadadeiras peitorais que equivalem a cerca de um terço de seu comprimento total. Os machos produzem sequências longas e padronizadas de sons na época reprodutiva, chamadas de canto, que presumivelmente possuem uma função de *display* para as fêmeas (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SOUSA-LIMA & CLARK, 2009). A espécie é encontrada nos oceanos de todo o mundo, com populações no hemisfério norte e no hemisfério sul e realiza migrações sazonais entre suas áreas de alimentação e de reprodução. Durante a primavera, verão e outono ocorre em altas latitudes, migrando durante o inverno para águas tropicais e subtropicais para acasalamento, nascimento e amamentação dos filhotes. Os nascimentos ocorrem durante o inverno e a primavera, e os filhotes são amamentados durante cerca de um mês, acumulando gordura suficiente para a migração e para suportar as águas frias das áreas de alimentação (CLAPHAM & MAYO, 1987).



Fonte: www.mnh.si.edu.

No período de julho a novembro, quando ocorre no litoral brasileiro, a espécie se concentra em águas rasas, sobre a plataforma continental, preferencialmente até a isóbata de 200 m (WEDEKIN, 2011), mas com ocorrência confirmada ao longo de toda a costa até aproximadamente a isóbata de 1000 m (ANDRIOLO et al., 2006, 2010a; CASTRO et al., 2014; MARTINS et al., 2013), embora também ocorra em maiores profundidades em seu corredor migratório oceânico, como detalhado mais abaixo. É uma das espécies mais comumente avistadas na costa brasileira durante seu período reprodutivo, tendo registros ao longo de todo o litoral, do Pará ao Rio Grande do Sul e nas proximidades das ilhas oceânicas, como Fernando de Noronha, Atol das Rocas e Trindade (ANDRIOLO et al., 2006, 2010a; BARACHO et al., 2005; CASTRO et al., 2014; LODI, 1994; MARTINS et al., 2013; WEDEKIN, 2011; WEDEKIN et al., 2010; ZERBINI et al., 2004a). A área

de ocorrência confirmada da espécie é apresentada no **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**).

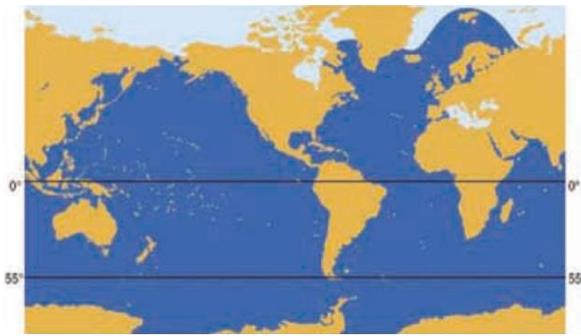
A baleia-jubarte é a espécie de misticeto mais estudada em território nacional. A principal área de concentração reprodutiva da população que frequenta a costa brasileira localiza-se entre os estados do Rio de Janeiro e Alagoas, com destaque para a região do Banco de Abrolhos, entre o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo, onde a plataforma continental se alarga (ANDRIOLO et al., 2006, 2010a; CASTRO et al., 2014; MARTINS et al., 2013; WEDEKIN, 2011). Além de Abrolhos, outras regiões também se destacam pela maior concentração da espécie, como o litoral de Ilhéus, na divisa entre as bacias de Camamu-Almada e Jequitinhonha (ANDRIOLO et al., 2006, 2010a; CASTRO et al., 2014; MARTINS et al., 2013; ROSSI-SANTOS et al., 2008; PETROBRAS/AECOM, 2014; WEDEKIN, 2011). Essas áreas de concentração reprodutiva são apresentadas no **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**.

A plataforma continental correspondente à área de reprodução da baleia-jubarte sendo utilizada pelos indivíduos como rota migratória para alcançar áreas mais ao norte e mais ao sul (ANDRIOLO et al., 2014; CASTRO et al., 2014; WEDEKIN, 2011; WEDEKIN et al., 2010; ZERBINI et al., 2006). Possui hábito costeiro na maior parte da área de abrangência do diagnóstico, onde desenvolve suas atividades reprodutivas entre julho e novembro (WEDEKIN, 2011). Tanto a rota migratória costeira quanto o corredor migratório oceânico da baleia-jubarte são apresentados no **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**.

Dados das populações do hemisfério norte indicam que a dieta da espécie é mais generalista que a da maioria dos misticetos, podendo incluir crustáceos euphasídeos (krill) e várias espécies de pequenos peixes formadores de cardumes. Aparentemente, a jubarte é a única espécie dentre as grandes baleias que utiliza bolhas para encurralar ou aprisionar cardumes de peixes. Os indivíduos, frequentemente em grupos, assopram em volta ou embaixo de cardumes, forçando-os a se agruparem próximo à superfície, onde são capturados (CLAPHAM, 2009). No hemisfério sul, o principal item alimentar da

dieta conhecida da jubarte são euphasídeos com o krill antártico (*Euphausia superba*) (DANILEWICZ et al., 2009). De modo geral, os sítios de alimentação conhecidos da população que se reproduz no Brasil estão localizados na região de plataforma nas proximidades de ilhas oceânicas em áreas temperadas-frias e sub-polares do Atlântico Sul (ENGEL & MARTIN, 2009; ZERBINI et al., 2006, 2011).

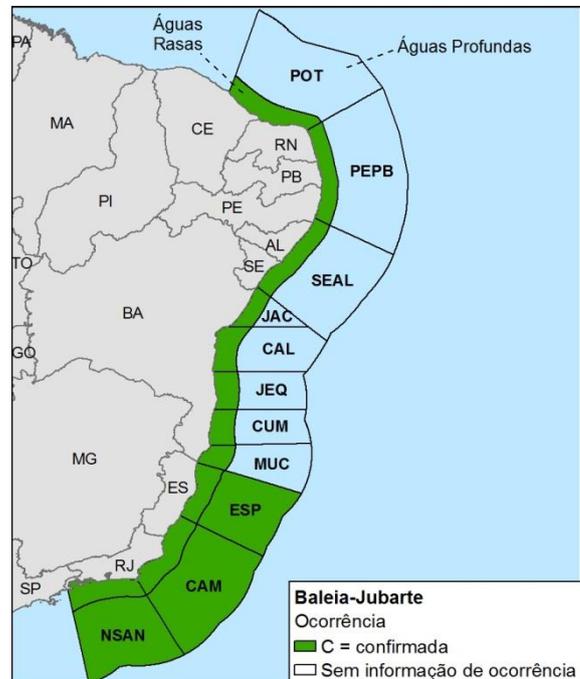
A atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção (MMA, 2014) alterou o status de conservação da jubarte de vulnerável à extinção para quase ameaçada. A espécie é listada no apêndice I da CITES (2016).



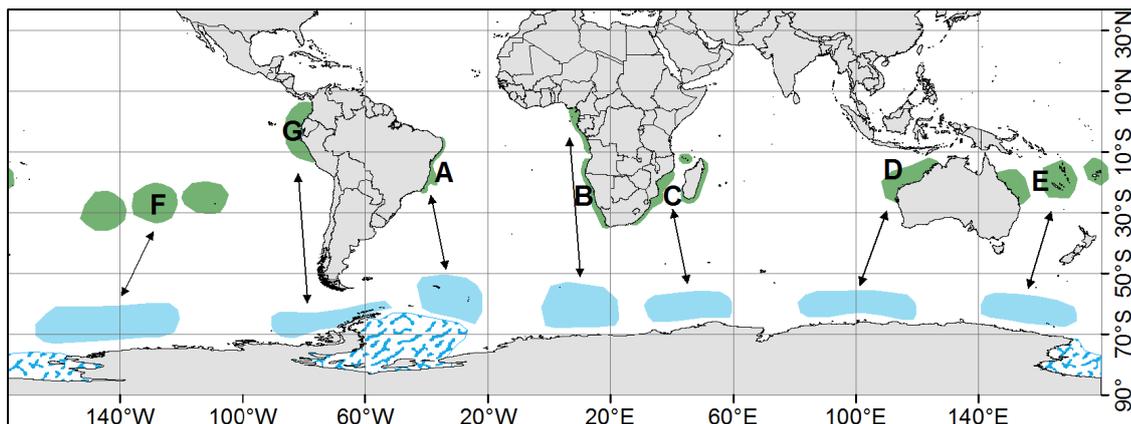
Distribuição mundial teórica da baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*). Fonte: Rocha-Campos & Câmara (2011).



Baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*). Fonte: Wedekin (2011).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.



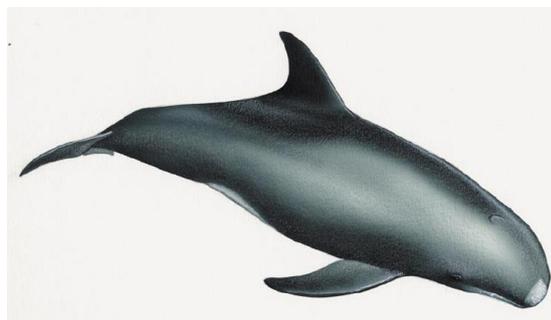
Áreas de concentração reprodutiva (verde), áreas de alimentação (azul) e rotas migratórias (setas) das populações do hemisfério sul de baleias-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) (estoques A a G). Regiões aproximadas de gelo permanente representadas pelos polígonos hachurados em azul. Fonte: modificado de Wedekin (2011).

Subordem Odontoceti

Família Delphinidae

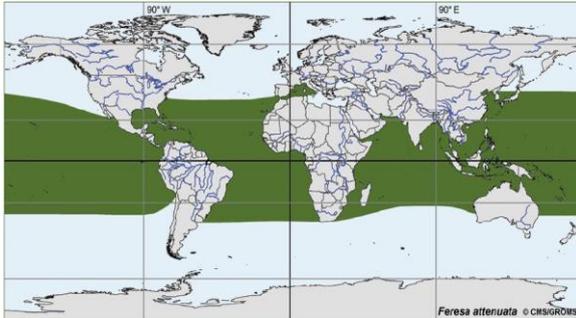
Feresa attenuata (Orca-pigmeia)

Essa espécie possui de 2,1 a 2,6 m de comprimento, apresenta distribuição tropical e subtropical ao redor do mundo, ocorrendo entre 40°N e 35°S e habita águas oceânicas, sendo raramente encontrada próximo à costa. A espécie se alimenta principalmente de peixes e lulas, havendo registros de ataque a outros golfinhos (CULIK, 2004). A orca-pigmeia é relativamente rara, possuindo poucos registros no Brasil, mas relativamente bem distribuídos, entre os estados de São Paulo e Maranhão e ao longo do ano todo (BATISTA et al., 2012; MAGALHÃES et al., 2007; MARIGO & GIFFONI, 2010; ROSSI-SANTOS et al., 2006b; SIMMAM, 2016). Na área do diagnóstico possui registros confirmados para a Bacia de Jequitinhonha e sua presença na Bacia de Camamu-Almada se dá por inferência.

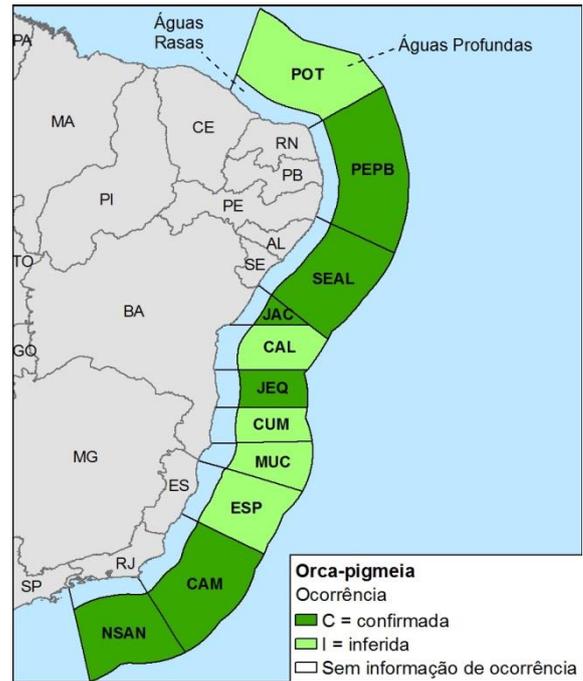


Fonte: Culik (2004).

A espécie é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



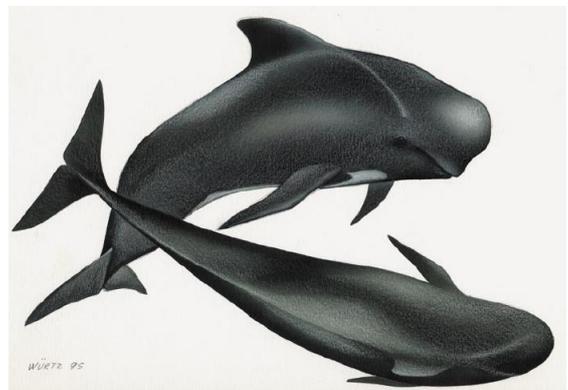
Distribuição mundial teórica da orca-pigmeia (*Feresa attenuata*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da orca-pigmeia (*Feresa attenuata*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Globicephala macrorhynchus (Baleia-piloto-de-peitorais-curtas)

A baleia-piloto-de-peitorais-curtas atinge aproximadamente 6 metros de comprimento, possui distribuição circunglobal em águas tropicais e temperadas quentes e profundas, entre 50°N e 40°S, ocorrendo principalmente no talude da plataforma continental e sobre cânions submarinos profundos. Os limites de sua distribuição não são bem estabelecidos, mas o limite sul de seus registros no Brasil é o estado de São Paulo (CULIK, 2004).

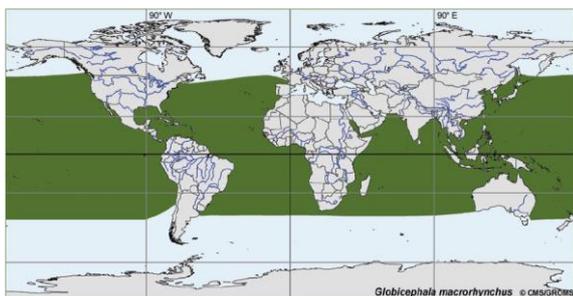


Fonte: Culik (2004).

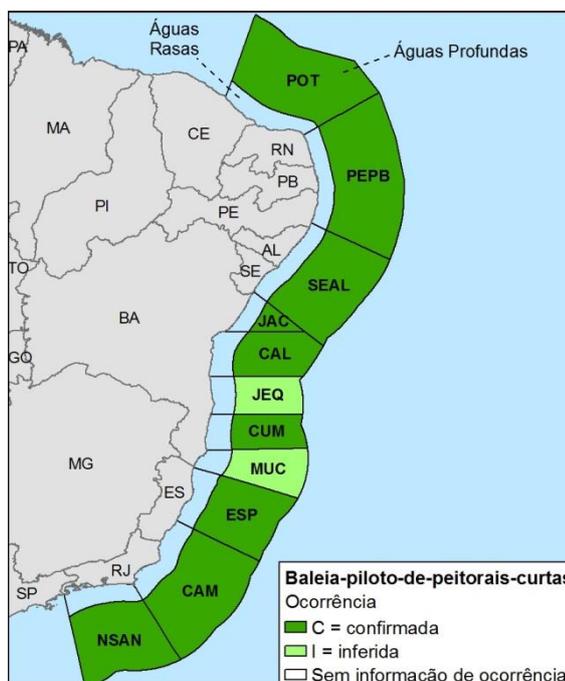
Outros registros no país incluem quase todos os estados ao norte de São Paulo, além de Fernando de Noronha, e com ocorrência ao longo de todo o ano (BATISTA et al., 2012; MEDEIROS, 2006; MORENO, 2013; SICILIANO et al., 2008; SIMMAM, 2016). Com ocorrência confirmada para a

Bacia de Camamu-Almada, sua presença na Bacia de Jequitinhonha se dá por inferência.

Alimentam-se principalmente de lulas, embora também possam comer peixes (CULIK, 2004). A espécie é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



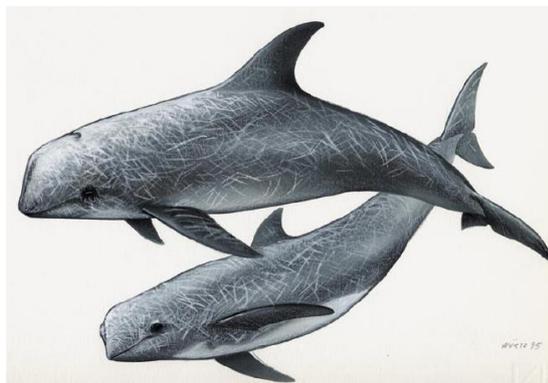
Distribuição mundial teórica da baleia-piloto-de-peitorais-curtas (*Globicephala macrorhynchus*).
Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-piloto-de-peitorais-curtas (*Globicephala macrorhynchus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Grampus griseus (Golfinho-de-Risso)

O golfinho-de-Risso atinge até 4 m de comprimento. Possui uma ampla distribuição, dos trópicos até regiões temperadas em ambos os hemisférios, entre 60°N e 60°S, habitando águas oceânicas profundas e taludes, de 400 a 1.000 m de profundidade, e frequentando áreas de montes submarinos (CULIK,

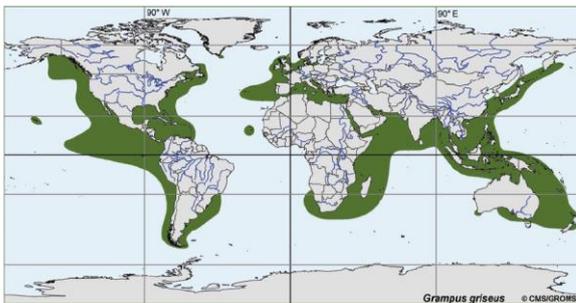


Fonte: Culik (2004).

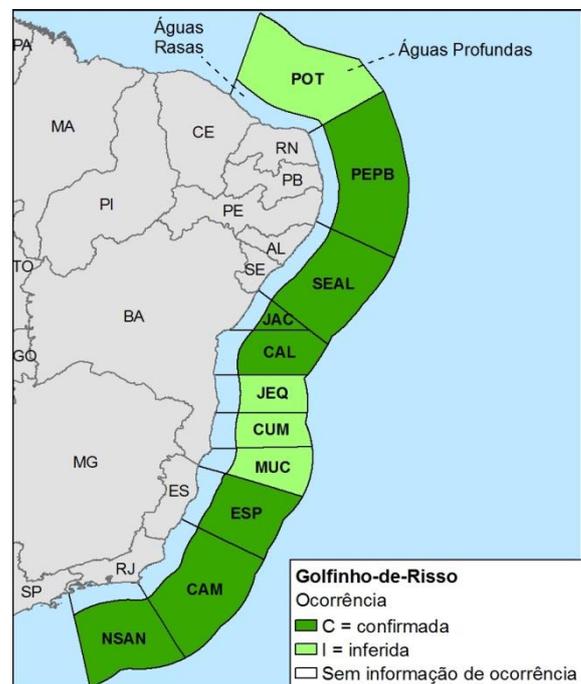
2004). A espécie têm preferência por locais com fundo de relevo acidentado ao longo da borda da plataforma continental, sendo raramente avistada em locais com profundidade inferior a 200 m (MAIA-NOGUEIRA, 2000).

A distribuição mundial atribuída à espécie por Culik (2004) não atinge as regiões Nordeste e Norte do Brasil, o que deve refletir a raridade da espécie na área, uma vez que os registros existentes mostram uma ampla distribuição no território nacional, do Rio Grande do Sul até o Pará, e ao longo de todo o ano, embora a maior parte dos registros seja de fato proveniente das regiões sudeste e sul (MAIA-NOGUEIRA, 2000; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; SICILIANO et al., 2006; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007). Com base nos dados disponíveis, a espécie possui ocorrência confirmada para a Bacia de Camamu-Almada, e sua presença na Bacia de Jequitinhonha se dá por inferência, pelo fato de a espécie ter registros nas bacias adjacentes ao norte e ao sul.

O golfinho-de-Risso de alimenta basicamente de cefalópodes, principalmente lulas, podendo também consumir crustáceos (BAIRD, 2009; CULIK, 2004). Não é considerada uma espécie ameaçada e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-de-Risso (*Grampus griseus*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-de-Risso (*Grampus griseus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

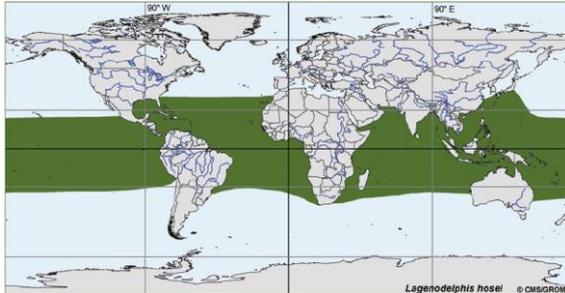
Lagenodelphis hosei (Golfinho-de-Fraser)

Essa espécie de golfinho pode atingir 2,7 m de comprimento, habita águas oceânicas e possui distribuição pantropical, entre 30°N e 30°S, embora com limites pouco conhecidos (CULIK, 2004; DOLAR, 2009; SICILIANO et al., 2006).

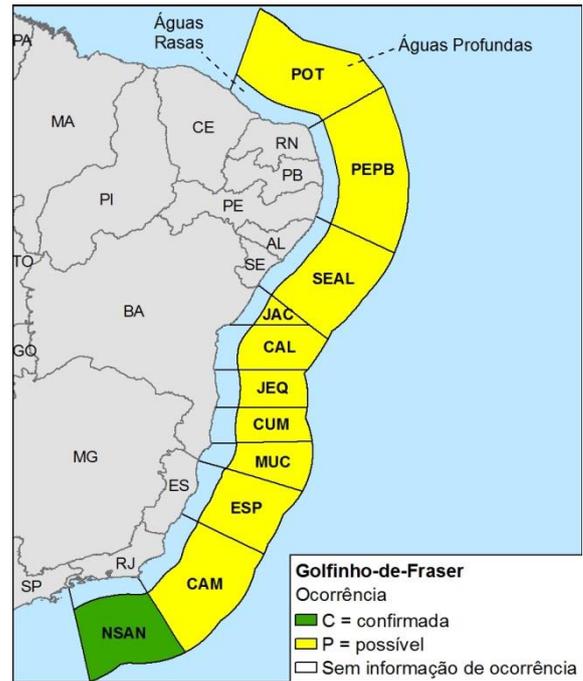


Fonte: Culik (2004).

É uma espécie rara no Oceano Atlântico Sul, e apesar de seu padrão de distribuição tropical em outras regiões do mundo (CULIK, 2004), a maior parte dos registros no Atlântico Sul Ocidental ocorreram em áreas temperadas, no sul do Brasil, Uruguai e Argentina (MORENO et al., 2003b; SICILIANO et al., 2006). No Brasil os registros são mais abundantes entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro, com um registro no Maranhão e dois no Ceará (MORENO et al., 2003b; PINEDO et al., 2001; SIMMAM, 2016; TOSI et al., 2009). Com base nos dados disponíveis, considera-se sua presença na área do diagnóstico como possível, mesmo que não confirmada por registros diretos. Sua dieta conhecida inclui peixes e lulas (CULIK, 2004; PINEDO et al., 2001; SANTOS & HAIMOVICI, 2001). A espécie não é considerada ameaçada, e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-de-Fraser (*Lagenodelphis hosei*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-de-Fraser (*Lagenodelphis hosei*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Orcinus orca (Orca)

A orca é o maior membro da família dos golfinhos (Delphinidae). Os machos possuem cerca de 8 m de comprimento, podendo atingir um máximo de 9 m, enquanto que as fêmeas possuem em torno de 7 m (máximo de 7,7 m). Seu grande tamanho, o distinto padrão de coloração, que inclui uma mancha oval branca pós-ocular, e o grande tamanho da nadadeira dorsal (que pode atingir 1,8 m nos machos e 0,9 m nas fêmeas) são características que fazem com que a espécie seja de fácil identificação. A espécie é considerada um dos cetáceos mais cosmopolitas, encontrado em praticamente todos os oceanos e mares o mundo, em áreas tropicais, subtropicais e polares costeiras e oceânicas, mas é mais abundante em águas costeiras de regiões frias (CULIK, 2004, ROCHA-CAMPOS et al., 2011).

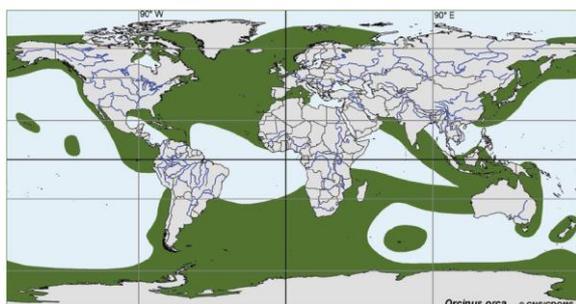


Fonte: Culik (2004).

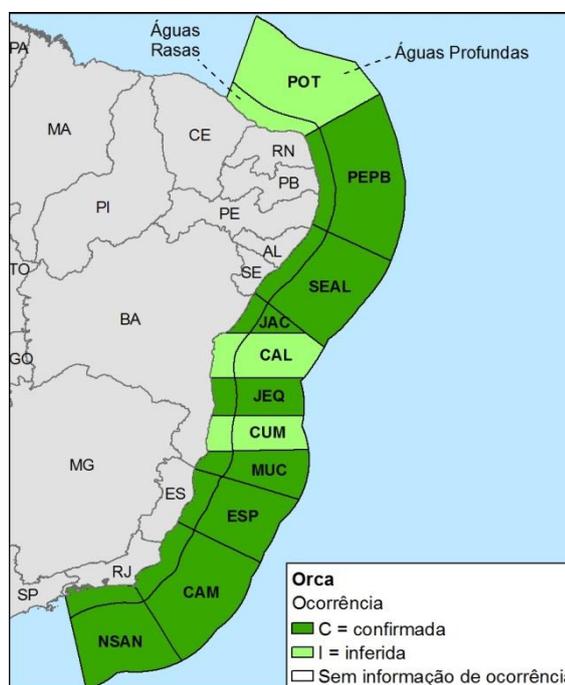
Informações sobre a ocorrência da espécie em águas brasileiras são limitadas, mas uma série de registros da espécie têm sido reportados, sendo a grande maioria deles na costa entre os estados do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro (DALLA ROSA et al., 2002; GEISE & BOROBIA 1988; LODI & HETZEL, 1998b; SANTOS & NETTO, 2005; SIMMAM, 2016; ZERBINI et al., 2004b). Outros registros incluem o estado da Bahia, onde tem ocorrência confirmada para a Bacia de Jequitinhonha.

A dieta da orca é extremamente ampla e pode variar sazonalmente e regionalmente. Suas presas incluem várias espécies de peixes ósseos e cartilagosos, mamíferos aquáticos, pinguins e outras aves marinhas, tartarugas-marinhas, lulas e polvos. As estratégias de caça também podem variar entre populações, podendo ser oportunistas ou especializadas de acordo com o tipo de presa e o habitat, existindo diversos registros de complexa cooperação entre indivíduos durante as caçadas (CULIK, 2004; DALLA ROSA et al., 2002; ROCHA-CAMPOS et al., 2011).

A espécie é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da orca (*Orcinus orca*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da orca (*Orcinus orca*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Peponocephala electra (Golfinho-cabeça-de-melão)

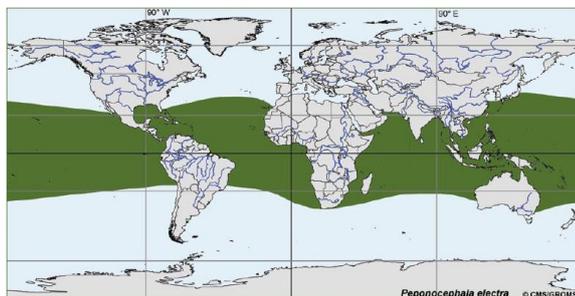
O golfinho-cabeça-de-melão possui em média 2,5 m de comprimento quando adulto, sendo que o maior comprimento registrado foi o de um macho proveniente de um encalhe em massa ocorrido em Itacaré, Bahia, em 1987, com 2,75 m (JEFFERSON & BARROS, 1997; LODI et al., 1990). É uma espécie pantropical, habitante de águas oceânicas, geralmente encontrado entre 20°N e 20°S (CULIK, 2004; JEFFERSON & BARROS, 1997).



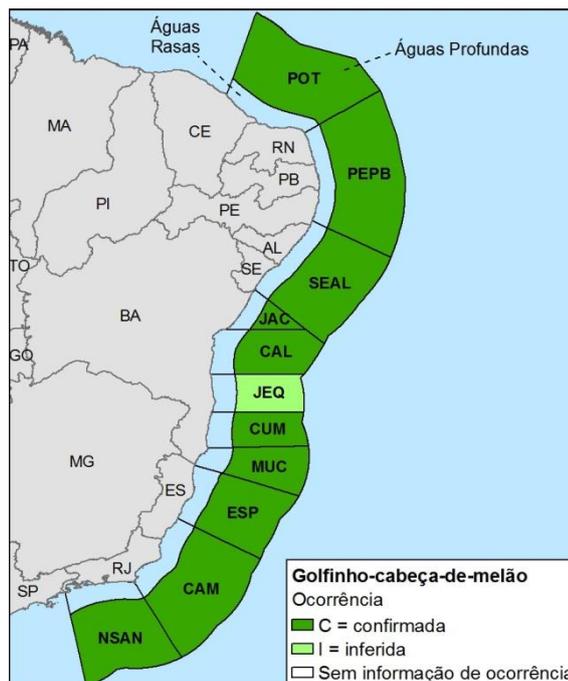
Fonte: Culik (2004).

Suas ocorrências no Brasil se concentram em águas quentes, com registros em praticamente todos os estados entre o Paraná e o Amapá, e ao longo de todas as épocas do ano (BATISTA et al., 2012; COSTA et al., 2012b; GASPARINI & SAZIMA, 1996; LODI et al., 1990; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; MARIGO & GIFFONI, 2010; MEDEIROS, 2006; ROSSI-SANTOS et al., 2009; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007). Na área do diagnóstico a espécie possui ocorrência confirmada para a Bacia de Camamu-Almada, e sua presença na Bacia de Jequitinhonha se dá por inferência, pelo fato de a espécie ter registros nas bacias adjacentes ao norte e ao sul.

Existem poucos estudos sobre seus hábitos alimentares, mas sabe-se que se alimenta de lulas e peixes pelágicos, e ocasionalmente de crustáceos (JEFFERSON & BARROS, 1997). Não é considerada uma espécie ameaçada de extinção e está listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-cabeça-de-melão (*Peponocephala electra*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-cabeça-de-melão (*Peponocephala electra*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Pseudorca crassidens (Falsa-orca)

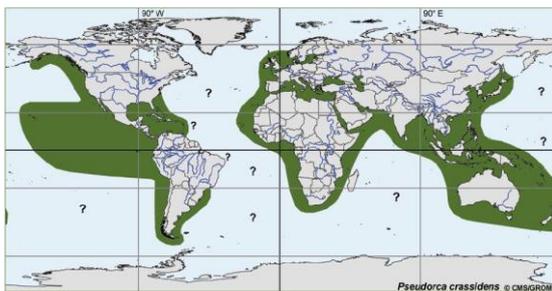
A falsa-orca é uma das espécies de grande porte da família Delphinidae, atingindo 6 m de comprimento. Apesar de não ser uma espécie abundante em nenhum ponto de sua ocorrência, possui uma ampla distribuição em águas tropicais e temperadas, geralmente entre 50°N e 50°S, ocorrendo em ambientes oceânicos de águas profundas, preferencialmente em águas quentes (CULIK, 2004).



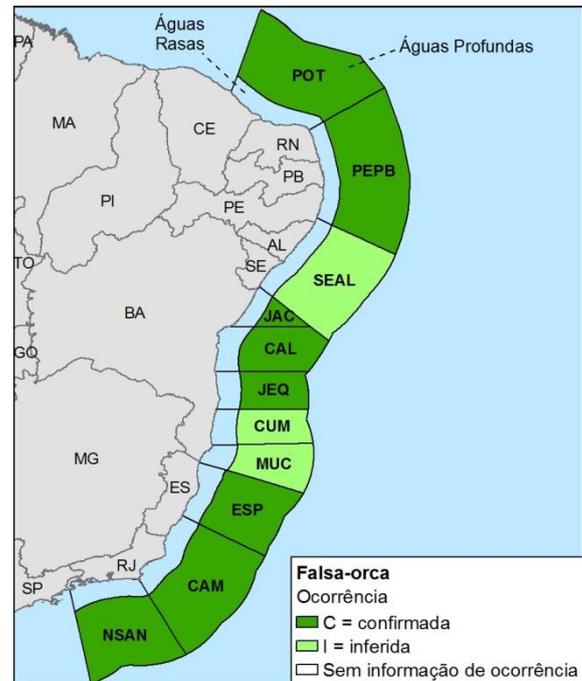
Fonte: Culik (2004).

Culik (2004) apresenta como indefinida a ocorrência da falsa-orca na costa leste e norte do Brasil, o que reflete a raridade dos registros. Entretanto, a ocorrência da espécie em águas brasileiras é, apesar de rara, bem distribuída durante o ano e ao longo da costa, com registros do Rio Grande do Sul até o Amapá (DÓREA-REIS et al., 1996; GEISE & BOROBIA 1988; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; MEDEIROS, 2006; SANTOS & HAIMOVICI, 2001; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007). Na área do diagnóstico a espécie possui ocorrência confirmada para as duas bacias.

Alimenta-se principalmente de peixes e cefalópodes, cujas espécies variam de acordo com a localidade, embora se saiba que pode atacar outros cetáceos (CULIK, 2004; SANTOS & HAIMOVICI, 2001). A espécie é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da falsa-orca (*Pseudorca crassidens*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da falsa-orca (*Pseudorca crassidens*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Sotalia guianensis (Boto-cinza)

O boto-cinza pode atingir 2,2 m de comprimento e peso máximo de 121 kg (CULIK, 2004; ROCHA-CAMPOS et al., 2011). É um dos delfínídeos mais comuns do litoral brasileiro, e também um dos mais estudados (AZEVEDO et al., 2009).



Fonte: Culik (2004).

Apresenta distribuição na costa oeste da América Central e do Sul, de Honduras até o Estado de Santa Catarina. Ocupa ambientes costeiros, com preferência por áreas estuarinas, baías e desembocadoras de rios, onde são mais abundantes (FLORES & SILVA, 2009). Sua ocorrência está fortemente associada à existência

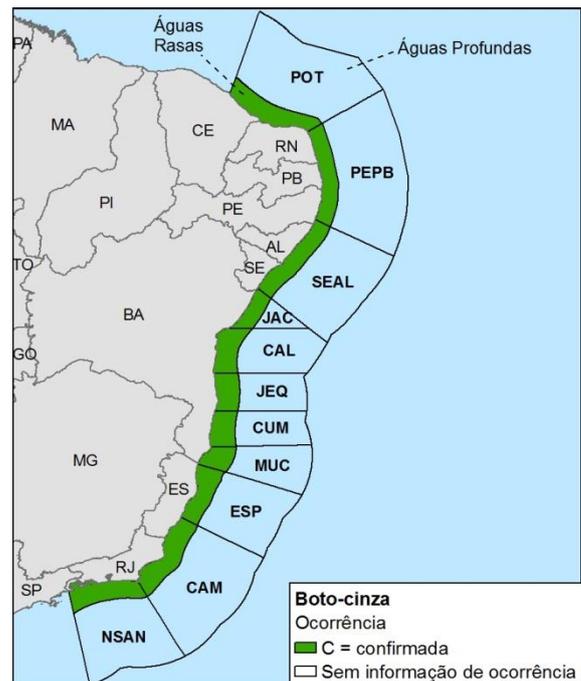
de manguezais e costuma ser avistado em águas com menos de 25 m de profundidade, preferindo regiões a até 5 km da costa e entre isóbatas de 2 e 10 m. Alimenta-se principalmente de peixes ósseos, lulas e outros cefalópodes, e eventualmente de crustáceos, tendo uma dieta bastante diversificada, que pode incluir 70 espécies diferentes de peixes (ROCHA-CAMPOS et al., 2011).

Existem registros do boto-cinza ao longo de toda a costa brasileira em sua área de distribuição, de Santa Catarina ao Amapá (e.g. BARBOSA et al., 2010; ROSSI-SANTOS & FLORES, 2009; SIMMAM, 2016), com diversas áreas de concentração, alimentação e reprodução associadas principalmente aos grandes estuários e baías, como o entorno da foz dos Rios Cachoeira e Almada, em Ilhéus e a Baía de Camamu, entre diversas outras identificadas ao longo da costa brasileira (e.g. ALARCON & SCHIAVETTI, 2005; ANANIAS, 2006; ARAÚJO, 2008; ARAÚJO et al., 2003, 2007; BATISTA, 2008; BATISTA et al., 2007, 2014; CAMPOS et al., 2007; CANTOR et al., 2012; CARVALHO et al., 2009; COLLAÇO, 2008; COSTA et al., 2012a; DI BENEDITTO, 2003; DI BENEDITTO et al., 2001; FAVARO, 2004; FLACH, 2004; FLACH et al., 2008; GONÇALVES, 2009; GUILHERME-SILVEIRA & SILVA, 2009; IZIDORO & LE PENDU, 2012a, 2012b; JESUS et al., 2002; LIMA, 2010; MAMEDE, 2015; MEIRELLES, 2013; MELO, 2010; MONTEIRO, 2008; NASCIMENTO, 2006; NERY, 2008; NERY et al., 2008; NUNES et al., 2014; OLIVEIRA et al., 1995; PARO, 2010; PETROBRAS/AECOM, 2014; PINHEIRO, 2014; QUEIROZ, 2006; REIS, 2013; REIS et al., 2010; ROSSI-SANTOS, 2006; ROSSI-SANTOS et al., 2003, 2006a, 2007; SANTOS, 2010; SANTOS et al., 2010, 2013; SIMMAM, 2016; SPÍNOLA, 2006; SPÍNOLA & REIS, 2007). O mapeamento das áreas de concentração do boto-cinza na área de abrangência do diagnóstico encontra-se no **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**.

Apesar da grande quantidade de trabalhos realizados com a espécie, o tamanho e o status de conservação das populações de botos-cinza ainda não são totalmente conhecidos (FLORES & SILVA, 2009). Ao contrário da maioria das espécies de cetáceos, que se deslocam regularmente por longas distâncias no ambiente marinho, as populações de botos-cinza possuem certo grau de residência ao sistema estuarino que ocupam, onde se localizam suas áreas de

alimentação, descanso e reprodução, raramente se deslocando de um estuário a outro (FLORES & SILVA, 2009; NERY et al., 2008; ROSSI-SANTOS et al., 2007).

O boto-cinza não estava incluído na versão anterior da lista de espécies ameaçadas do Ministério do Meio ambiente (Instrução Normativa nº 3, de 27 de maio de 2003), mas foi incluída na categoria “vulnerável” na versão atual (MMA, 2014). A espécie é considerada deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listado no apêndice I da CITES (2016).



***Stenella attenuata* (Golfinho-pintado-pantropical)**

Essa espécie de golfinho pode atingir aproximadamente 2,5 m de comprimento, têm distribuição circumglobal em águas tropicais e temperadas quentes, de aproximadamente 30-40°N a 20-40°S, principalmente onde a temperatura superficial da água é superior a 25°C (CULIK, 2004). No pacífico são registrados tanto em águas rasas de regiões

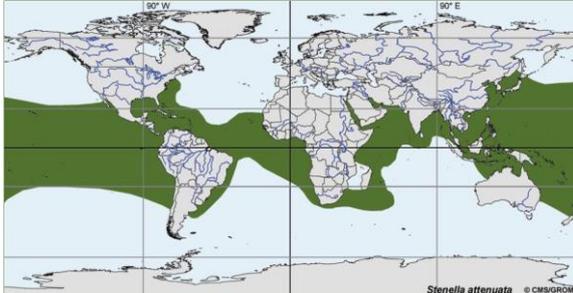


Fonte: Culik (2004).

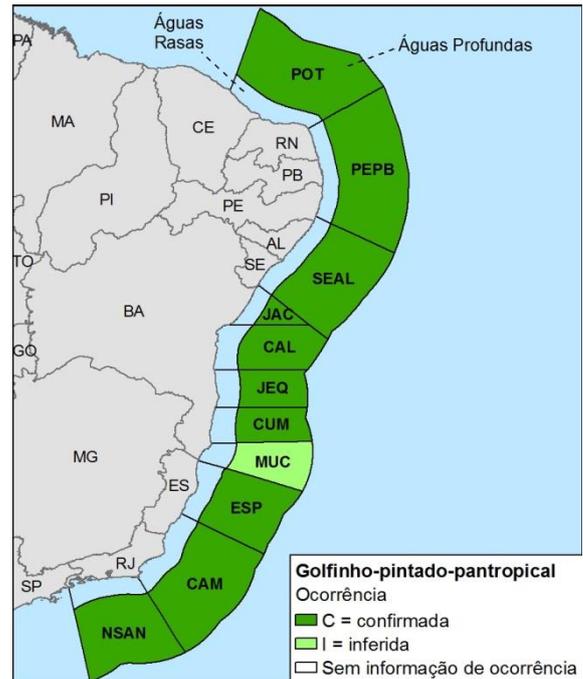
costeiras quanto em águas oceânicas (CULIK, 2004), mas no litoral brasileiro apresenta preferência por águas profundas, com visualizações geralmente entre 500 e 4900 m de profundidade e em áreas com temperatura superficial da água entre 26 e 28°C (MORENO et al., 2005; SICILIANO et al., 2006).

No Brasil, alguns autores consideram o Rio de Janeiro o limite sul de sua distribuição (e.g. MORENO et al., 2005; SICILIANO et al., 2006), mas a espécie também possui registros mais ao sul (e.g. DI TULLIO et al., 2016; SIMMAM, 2016; CREMER & SIMÕES-LOPES, 1997). Considerando-se todas as fontes de informação disponíveis, a espécie possui ocorrência ao longo de todo o território nacional, incluindo o entorno de ilhas oceânicas como Fernando de Noronha, e em todas as épocas do ano (AMARAL et al., 2013; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; MEDEIROS, 2006; MORENO et al., 2005; ROSSI-SANTOS et al., 2009; SOUTO et al., 2007), com maior concentração de registros na costa nordeste (AMARAL et al., 2013; MORENO et al., 2005; **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**). Na área do diagnóstico, o golfinho-pintado-pantropical possui ocorrência confirmada para as duas bacias marinhas.

Se alimenta de pequenos peixes, lulas e crustáceos associados a águas profundas (HAMMOND et al., 2012). A espécie não é considerada ameaçada de extinção, mas está listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-pintado-pantropical (*Stenella attenuata*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-pintado-pantropical (*Stenella attenuata*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Stenella clymene (Golfinho-de-Clymene)

O golfinho-de-Clymene pode atingir aproximadamente 2 m de comprimento, habita águas tropicais e temperadas quentes no Oceano Atlântico Norte e Sul. Os registros de ocorrência da espécie no mundo são para águas com profundidade variando de 250 a 5.000 m ou mais profundas (CULIK, 2004), e no Brasil os registros variam de 1.050 a 4.500 m e em águas com temperatura superficial entre 25 a 28,5°C (MORENO et al., 2005).

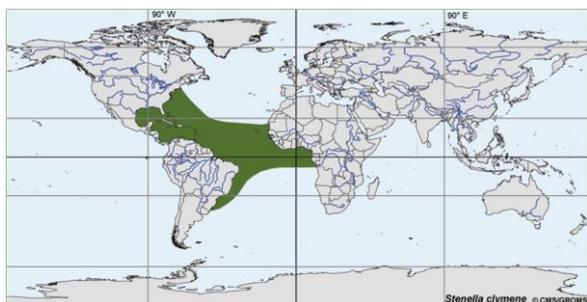


Fonte: Culik (2004).

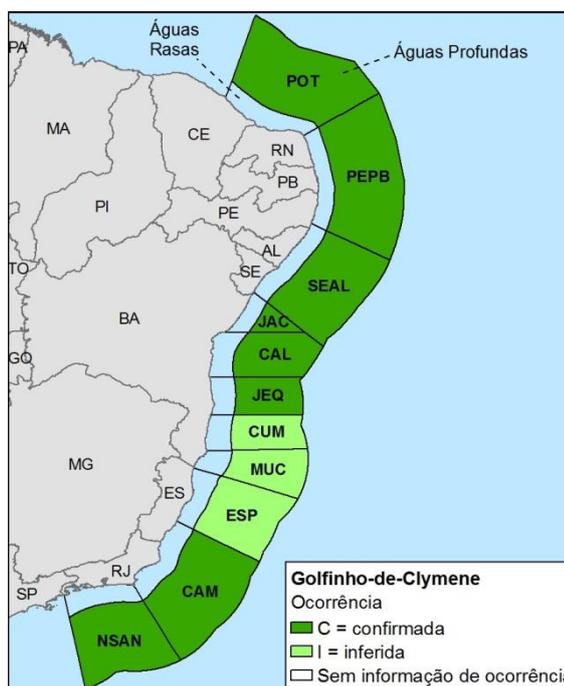
Apesar de ser uma espécie que habita preferencialmente águas tropicais, no Brasil possui registros ao longo de todo o litoral, do Amapá até o Rio Grande do Sul, incluindo o entorno de ilhas oceânicas como Fernando de Noronha, e em todas as épocas do ano (AMARAL et al., 2013; BATISTA et al., 2012; FERTL et al., 2003; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; MEDEIROS, 2006; MORENO et al., 2005; ROSSI-SANTOS et al., 2009; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007;

ZERBINI & KOTAS, 1998), com maior concentração de registros na costa nordeste (AMARAL et al., 2013; FERTL et al., 2003; MORENO et al., 2005; SIMMAM, 2016; **Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**). Na área do diagnóstico possui ocorrência confirmada para as duas bacias marinhas.

Alimentam-se de pequenos peixes e de lulas, caçando provavelmente durante a noite (CULIK, 2004). A espécie é considerada deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-de-Clymene (*Stenella clymene*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-de-Clymene (*Stenella clymene*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Stenella coeruleoalba (Golfinho-listrado)

Essa espécie pode atingir aproximadamente 2,5 m. Ao contrário das outras espécies do gênero *Stenella*, que possuem distribuição tropical, o golfinho-listrado ocorre tanto em águas tropicais quanto temperadas (CULIK, 2004; MORENO et al., 2005; SICILIANO et al.,

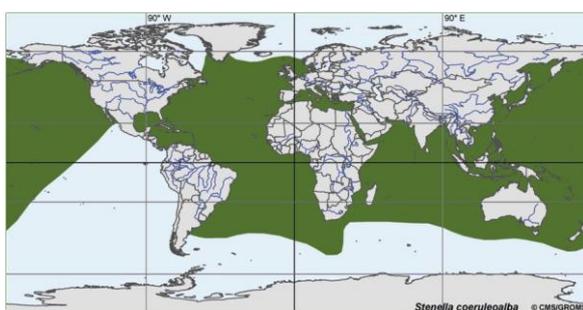


Fonte: Culik (2004).

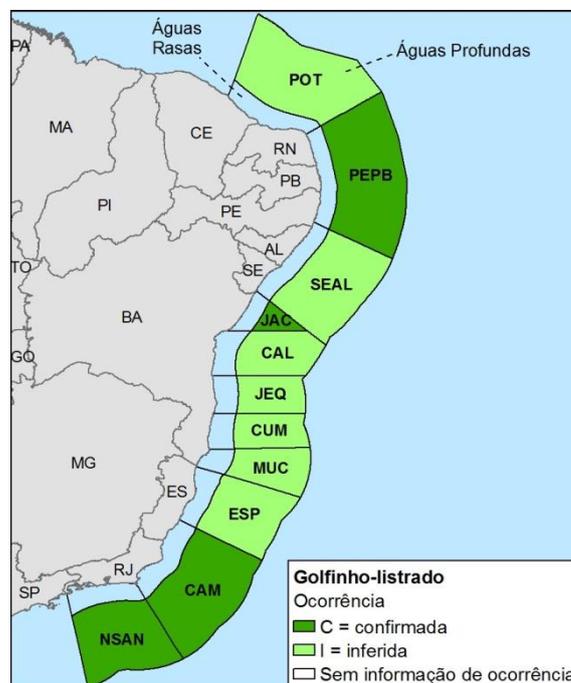
2006). Em outras partes do mundo é considerada uma espécie pelágica, de águas profundas, sendo encontrada formando grandes grupos de centenas a milhares de indivíduos (CULIK, 2004). No Brasil, entretanto, também é registrada em águas rasas, tendo visualizações e capturas acidentais entre 30 e 100 m de profundidade na região sul (MORENO et al., 2005; SICILIANO et al., 2006). Apesar desses registros, ainda é considerada uma espécie componente da fauna oceânica no Brasil, em especial na área de abrangência do diagnóstico (MORENO et al., 2005).

Seus registros no Brasil vão do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, sendo também registrado em Fernando de Noronha, mas a maior parte dos registros se concentra na região Sul (MORENO et al., 2005; MAIA-NOGUEIRA et al., 2001b; OTT & DANILEWICZ, 1996; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007; ZERBINI & KOTAS, 1998). Na área do diagnóstico não possui ocorrência confirmada para duas as bacias marinhas, sendo sua presença determinada por inferência para essas áreas.

Alimentam-se basicamente de peixes e cefalópodes (CULIK, 2004). Não é considerada ameaçada de extinção, mas está listada no apêndice II da CITES (2016).



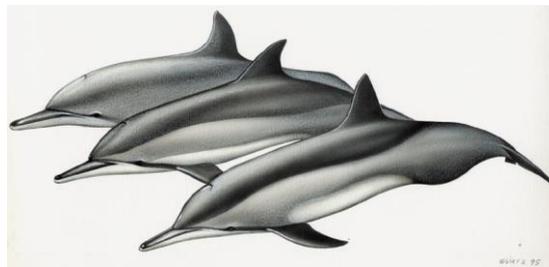
Distribuição mundial teórica do golfinho-listrado (*Stenella coeruleoalba*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-listrado (*Stenella coeruleoalba*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Stenella longirostris (Golfinho-rotador)

O golfinho-rotador atinge até 2,4 m, habita águas tropicais e subtropicais em todos os oceanos, entre aproximadamente 30-40°N e 20-30°S (CULIK, 2004, ROCHA-CAMPOS et al., 2011). Seu nome popular



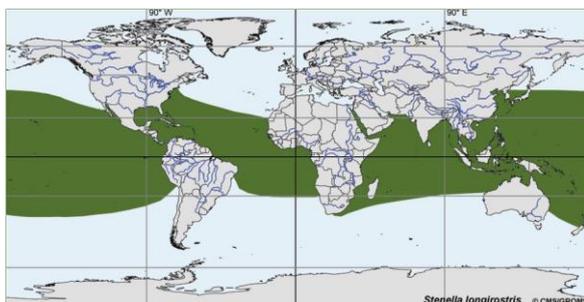
Fonte: Culik (2004).

decorre do comportamento de realizar rotações em torno do próprio eixo em alguns de seus saltos, sendo considerado o único golfinho que realiza regularmente esse movimento na natureza (SILVA-JR, 2010).

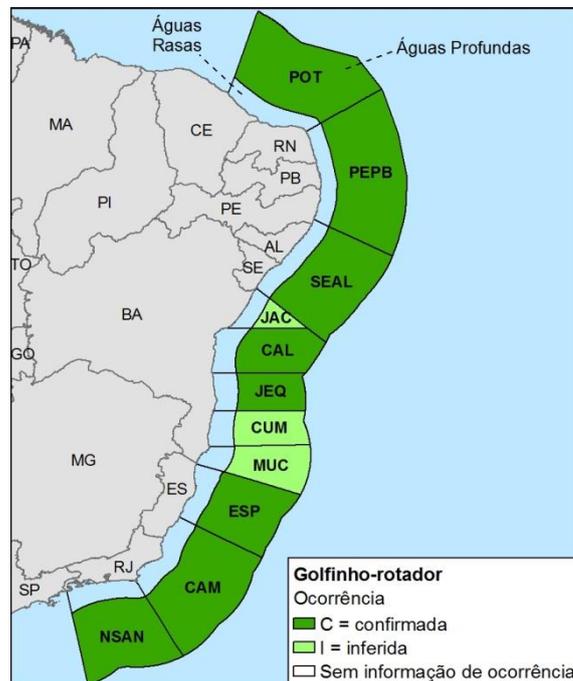
No mundo existem populações oceânicas e costeiras (CULIK, 2004). No Brasil, a espécie é encontrada em águas costeiras profundas, no talude e em águas oceânicas, sendo avistado em batimetrias entre 170 e 2700 m, mas com preferência por profundidades inferiores a 1000 m (AMARAL et al., 2013; MORENO et al., 2005; ROCHA-CAMPOS et al., 2011; ZERBINI et al., 2004b). Como sua ocorrência sobre a plataforma continental está associada a áreas mais profundas, próximas ao talude, considera-se que a espécie possui ocorrência no talude (onde tem a maior parte dos registros) e na zona oceânica (onde também é comum), de forma a diferenciar seu padrão de ocorrência do padrão apresentados pelas espécies componentes da comunidade costeira, que ocorrem em águas mais rasas, em batimetrias menores que 50 m (como o boto-cinza), onde o golfinho-rotador não ocorre.

Na costa brasileira existem registros de avistamentos, encalhes e capturas do Rio Grande do Sul até o Amapá e ao longo de todas as estações do ano (AMARAL et al., 2013; MARIGO & GIFFONI, 2010; MEDEIROS, 2006; MORENO et al., 2005; SILVA-JR., 2010; SIMMAM, 2016; ZERBINI & KOTAS, 1998; ZERBINI et al., 2004b). Possui ocorrência confirmada para as duas bacias da área do diagnóstico.

Alimentam-se de pequenos peixes, lulas e camarões, mergulhando pelo menos 200 a 300 m para capturá-los (CULIK, 2004). A espécie é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-rotador (*Stenella longirostris*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-rotador (*Stenella longirostris*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Steno bredanensis (Golfinho-de-dentes-rugosos)

O golfinho-de-dentes-rugosos pode atingir até 2,65 m de comprimento e é encontrado em águas tropicais e temperadas quentes ao redor do mundo (CULIK, 2004; ROCHA-CAMPOS et al., 2011; SICILIANO et al., 2006).



Fonte: Culik (2004).

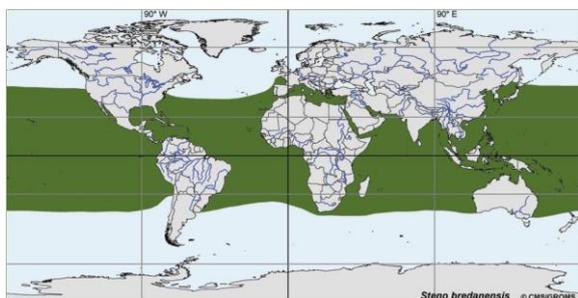
Apesar de diversos autores considerarem a espécie como oceânica, no Brasil o golfinho-de-dentes-rugosos é frequentemente registrado em águas costeiras (LODI & HETZEL, 1998a; ROCHA-CAMPOS et al., 2011), e até mesmo em baías como a de Guanabara (LIMA et al, 2012a; LODI et al., 2012). Seu registro mais ao sul no Atlântico Ocidental foi realizado no Rio Grande do Sul (CULIK, 2004; OTT & DANILEWICZ, 1996; SICILIANO et al., 2006) e os registros da espécie no Brasil vão desse estado até o Pará (e.g. BATISTA et al., 2012;

LODI & HETZEL, 1998a; LODI et al., 2012; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; OTT & DANILEWICZ, 1996; ROCHA-CAMPOS et al., 2011; ROSSI-SANTOS et al., 2006a, 2006b, 2009; WEDEKIN et al., 2004, 2014).

Na área de abrangência do diagnóstico a espécie possui ocorrência confirmada para as duas bacias marinhas, sendo identificada uma área de concentração próximo ao Arquipélago de Tinharé-Boipeba, na Bacia de Camamu-Almada (PETROBRAS/AECOM, 2014) (**Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**).

Alimenta-se principalmente de peixes e cefalópodes (CULIK, 2004; SANTOS & HAIMOVICI, 2001). A alga *Sargassum filipendula* já foi encontrada no conteúdo estomacal de animais encalhados, mas a significância desse item na dieta da espécie ou se ele é consumido ao longo de toda a sua distribuição, ainda não é sabido (CULIK, 2004). Wedekin et al. (2004) reportaram uma interação do golfinho-de-dentes-rugosos com baleias-jubarte no Banco de Abrolhos, observando o consumo de rêmoras (provavelmente da espécie *Echeneis naucrates*), que são encontradas aderidas às baleias.

O golfinho-de-dentes-rugosos não é considerado uma espécie ameaçada, mas é listado no apêndice II da CITES (2016).



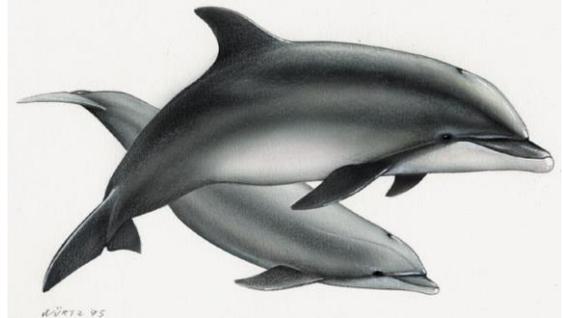
Distribuição mundial teórica do golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Tursiops truncatus (Golfinho-nariz-de-garrafa)

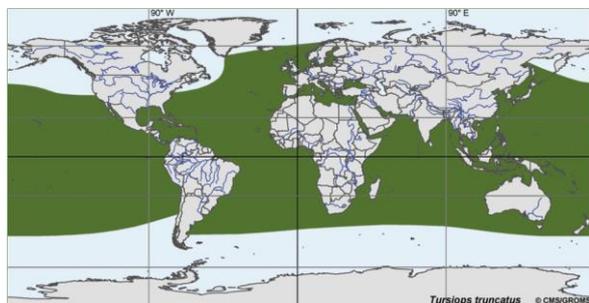
Essa espécie de golfinho pode atingir até 3,8 m de comprimento, ocorre em águas tropicais e temperadas do mundo todo, sendo mais abundante em áreas costeiras, embora possa ocupar diferentes habitats, desde regiões costeiras, lagoas, estuários, mares internos, até águas pelágicas e o entorno de ilhas oceânicas (CULIK, 2004, ROCHA-CAMPOS et al., 2011; SICILIANO et al., 2006).



Fonte: Culik (2004).

No Brasil ocorre ao longo de toda a costa, além de ilhas oceânicas como o Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Atol das Rocas e Trindade (BARACHO et al., 2007; BARROS, 1991; CARVALHO & ROSSI-SANTOS, 2011; GURJÃO et al., 2004; LODI et al., 2008; MAIA-NOGUEIRA et al., 2000; MARIGO & GIFFONI, 2010; ROSSI-SANTOS et al., 2006a, 2009; SIMMAM, 2016; WEDEKIN et al., 2014; ZERBINI & KOTAS, 1998; ZERBINI et al., 2004b). Na área de abrangência do diagnóstico a espécie possui ocorrência confirmada para as duas bacias marinhas, sendo identificada uma área de concentração próximo ao Arquipélago de Tinharé-Boipeba, na Bacia de Camamu-Almada (PETROBRAS/AECOM, 2014) (**Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**).

Estudos internacionais e brasileiros, indicam uma separação genética entre populações que vivem em habitats oceânicos e populações que vivem em habitats costeiros (CULIK, 2004; ROCHA-CAMPOS et al., 2011). Diferentes hábitos alimentares são observados entre as populações. As populações costeiras se alimentam primariamente de peixes e invertebrados encontrados na zona de litoral e sublitoral, enquanto que as populações oceânicas se alimentam de peixes mesopelágicos e lulas oceânicas (CULIK, 2004). O golfinho-nariz-de-garrafa não é considerado ameaçado, mas é listado no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Família Kogiidae

Kogia breviceps (Cachalote-pigmeu)

O cachalote-pigmeu pode atingir até 3,8 m de comprimento e vive em águas tropicais e temperadas de todo o mundo, sendo pouco conhecida, em parte por seu comportamento inconspícuo (CULIK, 2004). Habita águas oceânicas próximas à plataforma continental e talude, também podendo ser encontrado em águas mais profundas que as ocupadas por seu congênere (o cachalote-anão, *K. sima*) (MOURA et al., 2016).

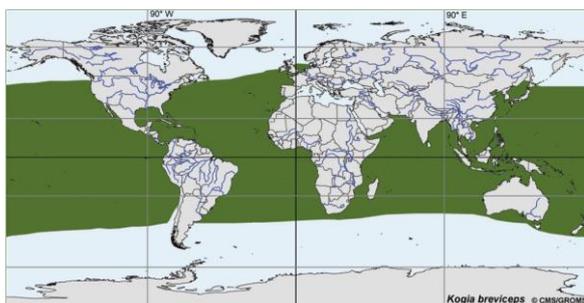


Fonte: Culik (2004).

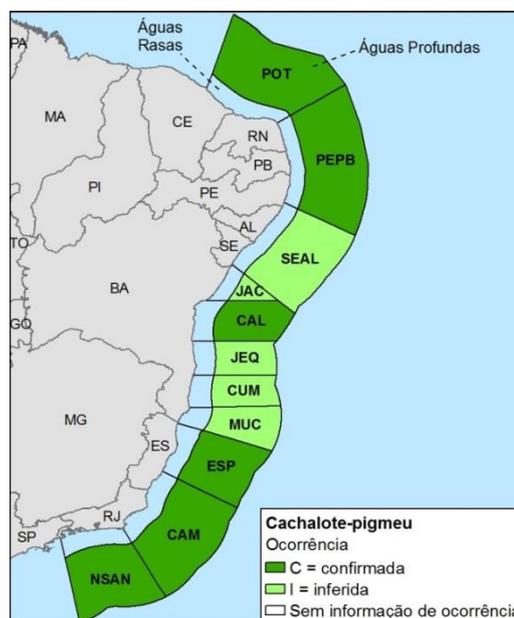
No Brasil, seus registros são provenientes principalmente de animais encalhados, mas são bem distribuídos ao longo do ano e ocorrem ao longo de toda a costa, do Ceará ao Rio Grande do Sul, além de Fernando de Noronha (GEISE & BOROBIA 1988; GURJÃO et al., 2003; MAIA-NOGUEIRA et al., 2001a; MEDEIROS, 2006; MOURA et al., 2016; SANTOS & HAIMOVICI, 2001; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007). Apesar de os avistamentos da espécie serem muito

raros, Moura et al. (2016) compilaram dados de 42 encalhes registrados no período de 1965 a 2014, sugerindo que a espécie é mais comum no país do que se pensava. Na área do diagnóstico a espécie possui ocorrência confirmada na Bacia de Camamu-Almada, sendo que a presença da espécie na Bacia de Jequitinhonha foi feita por inferência.

Alimenta-se principalmente de cefalópodes de águas profundas, e em menor escala, de peixes e camarões de águas profundas, realizando mergulhos profundos para a aquisição de alimentos (CULIK, 2004; GURJÃO et al., 2003; MOURA et al., 2016; SANTOS & HAIMOVICI, 2001). A espécie é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do cachalote-pigmeu (*Kogia breviceps*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência do cachalote-pigmeu (*Kogia breviceps*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Kogia sima (Cachalote-anão)

O cachalote-anão atinge até 2,7 m de comprimento e é encontrado em águas tropicais e temperadas de todo o mundo. Assim como seu congênere (o cachalote-pigmeu, *K. breviceps*), é uma espécie pouco conhecida, principalmente em sua ocupação do habitat marinho, uma vez

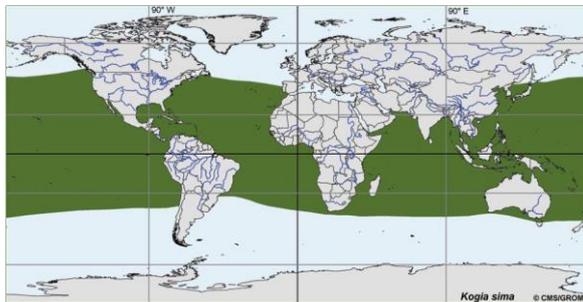


Fonte: Culik (2004).

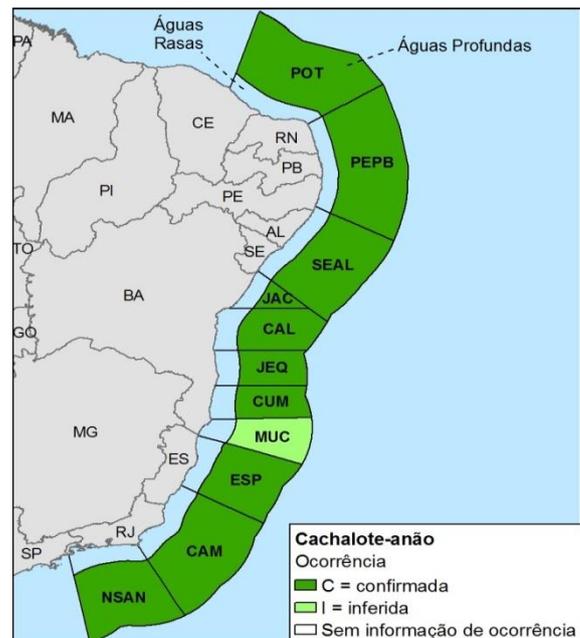
que são raros os registros in loco, sendo a maior parte deles provenientes de encalhes (CULIK, 2004; SICILIANO et al., 2006). A espécie ocorre em águas oceânicas próximas à plataforma continental e talude, mas embora seus hábitos de vida sejam pouco conhecidos, sabe-se que não habita águas tão profundas quanto seu congênere (CULIK, 2004; MOURA et al., 2016; SAMPAIO & AROUCHA, 2000).

No Brasil existem registros da espécie em todos os estados entre o Maranhão e o Rio Grande do Sul, e ao longo de todo o ano (MAIA-NOGUEIRA et al., 2001a; MEDEIROS, 2006; MOURA et al., 2016; SAMPAIO & AROUCHA, 2000; SANTOS & HAIMOVICI, 2001; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007; ZERBINI & KOTAS, 1998). Isso mostra que, apesar dos avistamentos serem muito raros, a espécie seria relativamente comum no país, onde Moura et al. (2016) compilaram dados de 58 encalhes registrados no período de 1965 a 2014. Os encalhes do cachalote-anão são mais comuns na região nordeste, o que pode sugerir uma preferência por águas mais quentes quando comparado ao seu congênere (o cachalote-pigmeu, *K. breviceps*). De fato, no Atlântico Sul Ocidental, os registros do cachalote-anão mais ao sul ocorreram no Rio Grande do Sul, enquanto que o cachalote-pigmeu possui registros em regiões mais frias, no Uruguai e na Argentina (MOURA et al., 2016). Além disso, Sampaio & Aroucha (2000) sugerem que a maior quantidade de registros de encalhe da espécie no litoral do Nordeste possa estar relacionado ao estreitamento da plataforma continental nessa área, fazendo com que o habitat da espécie em águas profundas fique mais próximo à costa. Na área de abrangência do diagnóstico essa espécie tem ocorrência confirmada para as duas bacias marinhas.

Sua dieta é composta primariamente por cefalópodes de águas profundas, também consumindo peixes e crustáceos, que capturam em mergulhos profundos (CULIK, 2004; MOURA et al., 2016; SANTOS & HAIMOVICI, 2001). É considerada como deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica do cachalote-anão (*Kogia sima*). Fonte: Culik (2004).

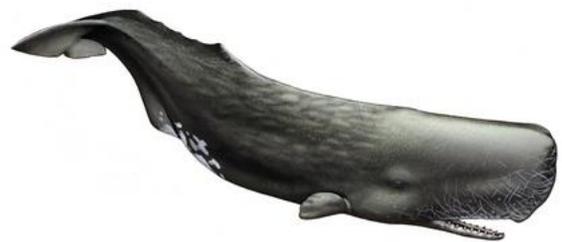


Representação esquemática da ocorrência do cachalote-anão (*Kogia sima*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Família Physeteridae

Physeter macrocephalus (Cachalote)

O cachalote é a maior espécie de odontoceto, e também a que possui maior dimorfismo sexual. As fêmeas adultas medem aproximadamente 11 m e pesam por volta de 15 toneladas, enquanto que os machos atingem aproximadamente 16 m e 45 toneladas com registros de machos com até 18 m e 57 toneladas (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; WHITEHEAD, 2009). É facilmente distinguível dos outros



Fonte: www.cms.int.

grandes cetáceos pelo fato de possuir dentes e pelo formato de sua cabeça, retangular e com cerca de um quarto do comprimento total do corpo, onde se localiza o órgão do espermacete, envolvido na emissão de sons utilizados na comunicação, ecolocalização e alimentação. Ocorre nos oceanos do mundo todo, vivendo geralmente em grupos ou unidades sociais estáveis de cerca de 12 fêmeas e seus filhotes. Já os machos se separam de suas unidades maternas, vivendo em grupos formados só por machos jovens, e se tornando solitários quando mais velhos (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; WHITEHEAD, 2009).

Sabe-se que a espécie apresenta reprodução sazonal, embora a cópula e os nascimentos não sejam bem sincronizados. O período de gestação varia de 14 a 16 meses e a maior parte dos nascimentos ocorre no verão e outono nos dois hemisférios (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011). Dados de encalhes de cachalotes no litoral brasileiro também são concordantes com a existência de sazonalidade de nascimentos, com registros de filhotes apenas no verão e outono (RAMOS et al., 2001). Por outro lado, Toledo e Langguth (2009) apresentam dados ligeiramente diferentes. Com base na análise de dados biológicos coletados nos indivíduos capturados pela estação baleeira de Costinha, na Paraíba, no período de 1965 a 1980, mostram que a maior parte dos nascimentos ocorreria na região entre setembro e dezembro, embora a atividade reprodutiva ocorresse ao longo do ano todo (TOLEDO & LANGGUTH, 2009).

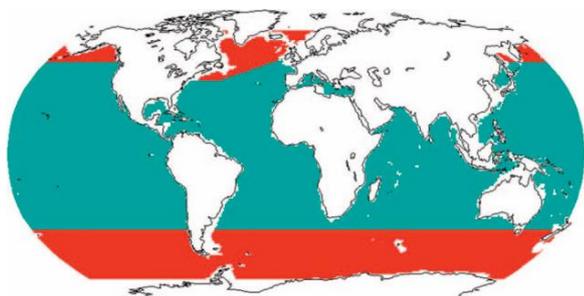
O cachalote possui grande importância ecológica, apresentando uma dieta bastante diversificada, que pode variar com a área de distribuição e inclui os grandes organismos que habitam as áreas profundas dos oceanos, a mais de 400m de profundidade, principalmente cefalópodes (lulas e polvos) e peixes (ex. arraias, tubarões, membros da família Gadidae, entre outros) (GURJÃO et al., 2003; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SANTOS & HAIMOVICI, 2001; WHITEHEAD, 2009). Entre suas presas está a maior espécie de cefalópode conhecida, a lula-colossal (*Mesonychoteuthis hamiltoni*), encontrada na Antártica. Apesar da falta de conhecimento sobre a ecologia de espécies de águas profundas, por conta do número e do tamanho dos indivíduos, estima-se que a população mundial de cachalotes consuma por volta de 100 milhões de toneladas métricas de presas por ano, um valor equivalente às capturas humanas na pesca marinha (WHITEHEAD, 2009). Para sua alimentação, mergulham a grandes

profundidades e permanecem submersos por períodos superiores a 40 minutos, sendo capazes de mergulhar por mais de duas horas e atingir profundidades de mais de mil metros (ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011).

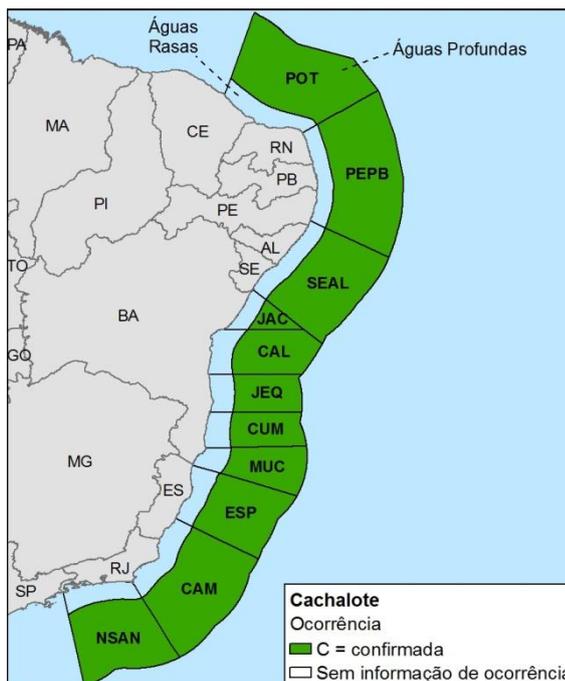
No Brasil existe grande quantidade de registros do cachalote ao longo de toda a costa, do Amapá ao Rio Grande do Sul (ANDRIOLO et al., 2010b; BARROS, 1991; BATISTA et al., 2012; GEISE & BOROBIA 1988; GURJÃO et al., 2003; MOREIRA et al., 2004; RAMOS et al., 2001; ROCHA-CAMPOS & CÂMARA, 2011; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007; TOLEDO & LANGGUTH, 2009; ZERBINI & KOTAS, 1998).

O cachalote é considerado uma espécie migratória, embora os padrões de migração não sejam tão regulares e bem conhecidos quanto para os grandes mysticetos. Machos e fêmeas apresentam distribuição e comportamento migratório diferentes. Fêmeas ocorrem tanto próximo à costa de ilhas oceânicas quanto em alto mar, geralmente em latitudes menores de 40°. Já os machos, quanto maiores e mais velhos, mais altas são as latitudes que frequentam, podendo ser encontrados em regiões polares, retornando a águas tropicais e temperadas para reprodução. No Brasil, a espécie ocorre durante todo o ano, mas dados de enalhes sugerem que se concentre em maiores latitudes (~18-25°S) entre junho e agosto (inverno) e em menores latitudes (~3-7°S) entre janeiro e abril (verão e outono) (RAMOS et al., 2001).

Esta espécie é considerada vulnerável pela lista nacional de espécies ameaçadas (MMA, 2014) e pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice I da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da cachalote (*Physeter macrocephalus*). Em verde= machos e fêmeas; em vermelho= apenas machos adultos. Fonte: Whitehead (2009).

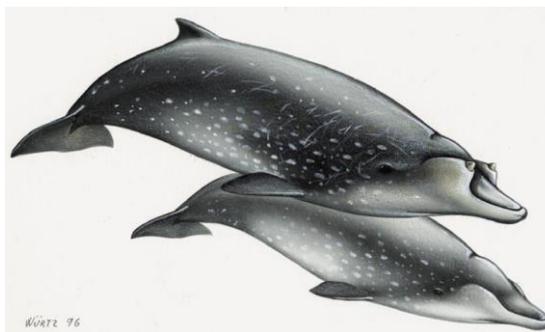


Representação esquemática da ocorrência do cachalote (*Physeter macrocephalus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Família Ziphiidae

Mesoplodon densirostris (Baleia-bicuda-de-Blainville)

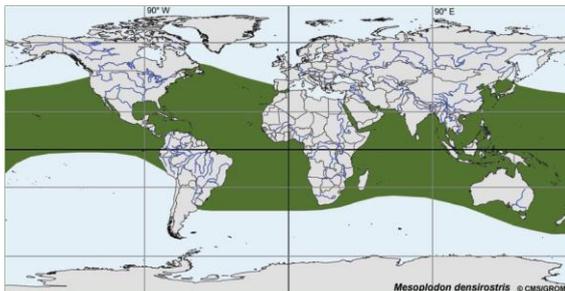
A baleia-bicuda-de-Blainville pode atingir até 2,7 m de comprimento e habita águas oceânicas tropicais e temperadas quentes ao redor do mundo. Possui a distribuição mais amplas dentre as espécies do gênero *Mesoplodon*, mas é pouco abundante onde ocorre, assim como suas congêneres (CULIK, 2004; MACLEOD et al., 2006; PITMAN, 2009).



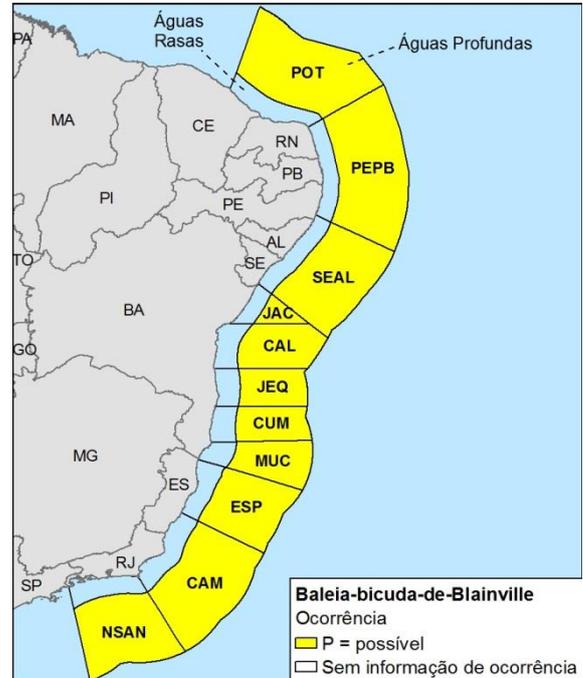
Fonte: Culik (2004).

Os registros na costa brasileira são raros (e.g. CASTELLO & PINEDO, 1980; SECCHI & ZARZUR, 1999; SIMMAM, 2016), mas embora não existam registros confirmados para a área de abrangência do diagnóstico, sua presença é considerada possível nas duas bacias marinhas de acordo com a área de distribuição atribuída à espécie (CULIK, 2004; MACLEOD et al., 2006).

As espécies desse gênero alimentam-se principalmente de lulas e peixes mesopelágicos de águas profundas (CULIK, 2004, 2010). A baleia-bicuda-de-Blainville é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da baleia-bicuda-de-Blainville (*Mesoplodon densirostris*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-bicuda-de-Blainville (*Mesoplodon densirostris*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Mesoplodon europaeus (Baleia-bicuda-de-Gervais)

Essa espécie pode atingir um comprimento máximo de 5,2 m (macho) e 4,5 m (fêmea). Ocorre em águas oceânicas apenas no Atlântico, na zona tropical, sub-tropical e temperada-quente, com maiores densidades no Atlântico Norte Ocidental. Sua distribuição é conhecida principalmente através de registros de encalhes (CULIK, 2004; MACLEOD et al., 2006).

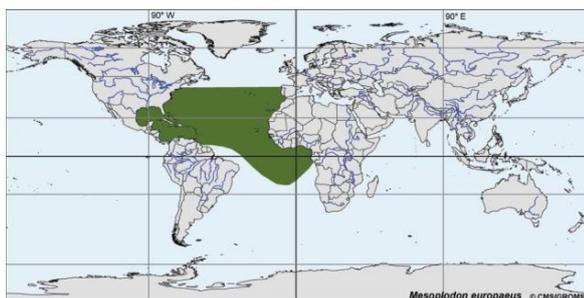


Fonte: Culik (2004).

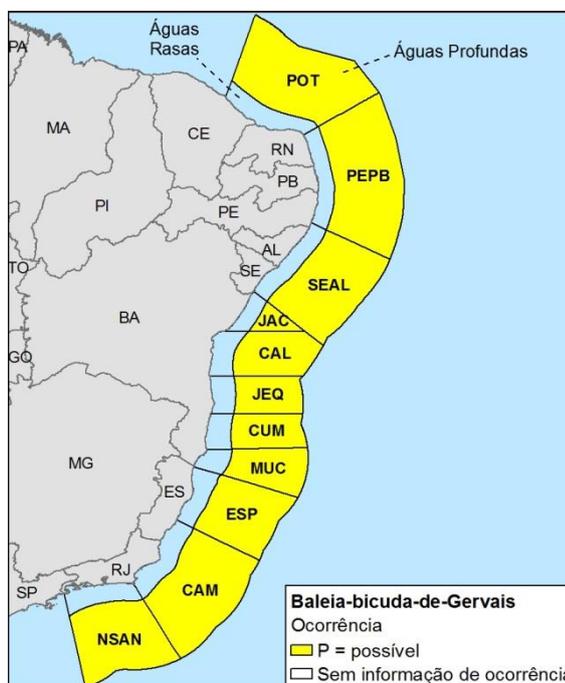
Até o ano de 2001 não existiam registros da baleia-bicuda-de-Gervais no Brasil e considerava-se que a espécie não possuía distribuição no Atlântico Sul

Ocidental (CULIK, 2004; SANTOS et al., 2003). Entretanto, desde então alguns poucos indivíduos foram encontrados encalhados no litoral de São Paulo, Bahia e Ceará (MACLEOD et al., 2006; MARTINS et al., 2004; SANTOS et al., 2003; SIMMAM, 2016). Como o número de registros existentes é reduzido, podendo ser atribuídos a indivíduos vagantes, fora da área de distribuição natural (SANTOS et al., 2003), considera-se possível a ocorrência da espécie nas bacias marinhas da área do diagnóstico, mesmo que tal condição não seja confirmada.

As espécies desse gênero alimentam-se principalmente de lulas e peixes mesopelágicos de águas profundas (CULIK, 2004, 2010). A baleia-bicuda-de-Gervais é considerada como sendo deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da baleia-bicuda-de-Gervais (*Mesoplodon europaeus*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-bicuda-de-Gervais (*Mesoplodon europaeus*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico

Mesoplodon layardii (Baleia-bicuda-de-Layard)

A baleia-bicuda-de-Layard é uma das maiores do grupo, atingindo aproximadamente 6 m de comprimento (CULIK, 2004). Sua distribuição conhecida é circunglobal no hemisfério sul, em águas oceânicas temperadas e subantárticas.

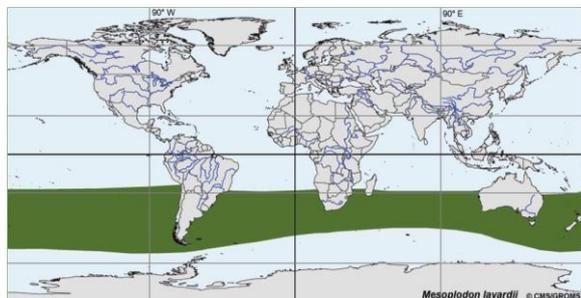


Fonte: Culik (2004).

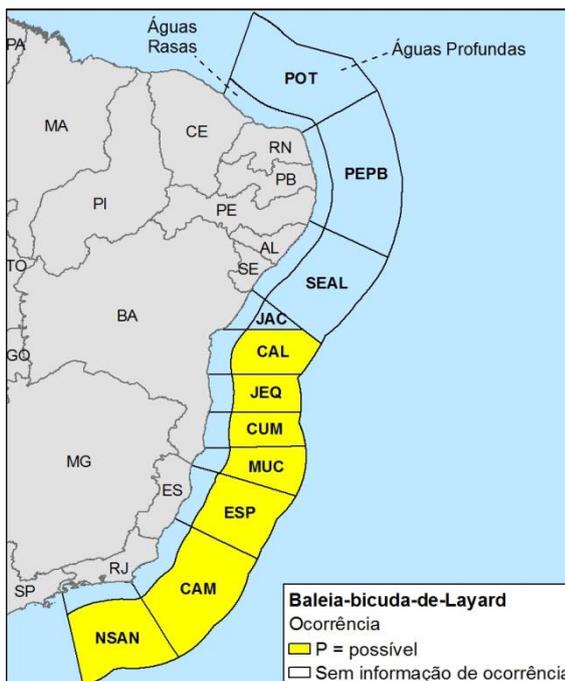
Apesar de a distribuição atribuída à espécie não atingir regiões tropicais e subtropicais, dados de encalhes na costa da área de abrangência do diagnóstico, com registros no Recôncavo Baiano (Bacia de Camamu-Almada) (MAIA-NOGUEIRA & NUNES, 2005; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007), indicam que a espécie pode realizar migrações para latitudes mais baixas durante o inverno austral (CULIK, 2010; PITMAN, 2009).

Como a distribuição atribuída à espécie é restrita a águas mais frias, o estado do Rio Grande do Sul é considerado por alguns autores como o limite norte de sua distribuição (CULIK, 2004; PINEDO et al., 2002), sendo que os registros na Bacia de Camamu-Almada podem representar uma grande expansão da distribuição conhecida da espécie. São necessários mais estudos para elucidar as características biológicas da espécie, que possui poucos registros devido a sua baixa abundância natural e hábitos discretos (CULIK, 2004).

A baleia-bicuda-de-Layard se alimenta principalmente de lulas oceânicas, além de peixes e crustáceos (CULIK, 2004; PINEDO et al., 2002). A espécie é considerada deficiente em dados pela lista vermelha da IUCN (2016) e é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da baleia-bicuda-de-Layard (*Mesoplodon layardii*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-bicuda-de-Layard (*Mesoplodon layardii*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Ziphius cavirostris (Baleia-bicuda-de-Cuvier)

A baleia-bicuda-de-Cuvier pode atingir até 7m de comprimento, sendo encontrada em águas oceânicas tropicais e temperadas em todo o mundo. Possui a distribuição mais extensa dentre as espécies da família Ziphiidae sendo relativamente comum em áreas, como no Pacífico oriental tropical, mas assim como as outras espécies do grupo, possui hábitos inconspícuos, sendo raramente observada no mar, de forma que é conhecida no Atlântico Ocidental principalmente através de registros de indivíduos encalhados (CULIK, 2004; MACLEOD et al., 2006; SIMMAM, 2016).

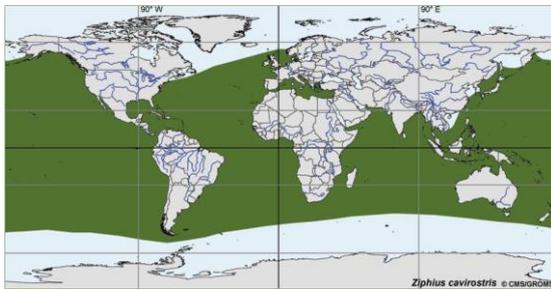


Fonte: Culik (2004).

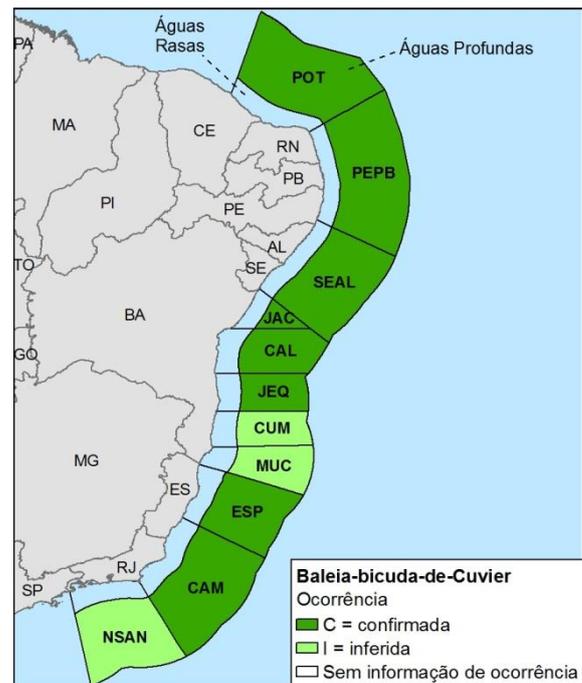
No Brasil, a espécie possui dezenas de registros de encalhes do Rio Grande do Sul até o Ceará durante o ano todo, evidenciando uma ocorrência não sazonal e ao longo de toda a área do diagnóstico (BACHARA & NORMAN, 2013; BATISTA et al., 2012; FISCH & PORT, 2013; MAYORGA et al., 2010; MEDEIROS, 2006; PINEDO et al. 2001; SIMMAM, 2016; SOUTO et al., 2007). Na

área do diagnóstico, a espécie apresenta registros confirmados para as duas bacias marinhas.

Alimenta-se principalmente de lulas de águas profundas, além de peixes e crustáceos (CULIK, 2004). Não é considerada uma espécie ameaçada, mas é listada no apêndice II da CITES (2016).



Distribuição mundial teórica da baleia-bicuda-de-Cuvier (*Ziphius cavirostris*). Fonte: Culik (2004).



Representação esquemática da ocorrência da baleia-bicuda-de-Cuvier (*Ziphius cavirostris*) nas Bacias Marinhas da área de abrangência do diagnóstico.

Mapeamento das áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos

Com base nas informações levantadas foi possível realizar um mapeamento das áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias das espécies mais abundantes e/ou mais estudadas de mamíferos marinhos da área de abrangência do diagnóstico (**Mapa II.5.2.H-1 - Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos marinhos**). Os símbolos utilizados no mapa seguem o padrão adotado pelo MMA, constante nas Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas SAO (MMA, 2004). Na identificação das áreas mapeadas

são apresentados números, que remetem a uma tabela associada ao mapa, onde cada número indica uma espécie ou grupo de espécies presentes.

Dentre as espécies migratórias que ocorrem na área do diagnóstico, para a baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) existem informações suficientes para um mapeamento da rota migratória existente ao longo da plataforma continental. Para esta espécie também é apresentada a área de ocorrência confirmada na região do estudo, sobre a plataforma continental. Quanto às áreas de concentração, alimentação e reprodução, foi possível obter informações para a baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*), boto-cinza (*Sotalia guianensis*), golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*) e golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*).

O **Quadro II.5.2.7-3** a seguir apresenta uma compilação das informações das áreas mapeadas e rotas, bem como as referências consultadas para a aquisição dessas informações.

Quadro II.5.2.H.3-3 – Áreas de ocorrência, concentração, alimentação, reprodução e rotas migratórias de mamíferos mapeadas na área de abrangência do diagnóstico do meio biótico. Áreas apresentadas no **Mapa II.5.2.H-1**.

Localidade	Município	UF	Espécie	Atividades realizadas	Referências
Salvador até Camamu	Salvador, Vera Cruz, Jaguaripe, Valença, Cairu, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu	BA	<i>Megaptera novaeangliae</i> (baleia-jubarte)	Concentração (reprodução)	Martins et al. (2013)
Tinharé-Boipeba	Valença, Cairu	BA	<i>Steno bredanensis</i> (golfinho-de-dentes-rugosos) e <i>Tursiops truncatus</i> (golfinho-nariz-de-garrafa)	Concentração	Comunicação pessoal em fevereiro de 2014: José de Anchieta Nunes – Laboratório de Ecologia Bêntica/ UFBA (apud Petrobras/AECOM, 2014)
Valença até Gamboa	Valença, Cairu	BA	<i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza)	Concentração	Comunicação pessoal em fevereiro de 2014: Rodrigo Maia Nogueira – Guará Consultoria Ambiental (apud Petrobras/AECOM, 2014)
Barra do Carvalho	Cairu, Nilo Peçanha	BA	<i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza)	Concentração	SIMMAM (2016), Comunicações pessoais em fevereiro de 2014: Rodrigo Maia Nogueira – Guará Consultoria Ambiental, Gisele Shild – Agência Rota Tropical, Danilo Silva – CIAPRA (apud Petrobras/AECOM, 2014)
Baía de Camamu	Igrapiúna, Camamu, Maraú	BA	<i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza)	Concentração	Reis (2004, apud Petrobras/AECOM, 2014), Reis et al. (2000, apud Petrobras/AECOM, 2014), Comunicações pessoais em fevereiro de 2014: Rodrigo Maia Nogueira – Guará Consultoria Ambiental, Gisele Shild – Agência Rota Tropical, Danilo Silva – CIAPRA (apud Petrobras/AECOM, 2014)

Localidade	Município	UF	Espécie	Atividades realizadas	Referências
Ilhéus 1	Ilhéus	BA	<i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza)	Concentração (alimentação e reprodução)	Gonçalves (2009), Izidoro & Le Pendu (2012a, 2012b), Nascimento (2006), Santos (2010), Santos et al. (2010, 2013), Assis (2008, apud Petrobras/AECOM, 2014), Izidoro (2009, apud Petrobras/AECOM, 2014), Reis (2002, apud Petrobras/AECOM, 2014), Reis et al. (2000, apud Petrobras/AECOM, 2014), Comunicações pessoais em fevereiro de 2014: Rodrigo Nogueira – GUARÁ Consultoria Ambiental, Sheila Serra – Instituto Mamíferos Aquáticos, Marcelo Silveira – RESEX de Canavieiras (apud Petrobras/AECOM, 2014)
Ilhéus 2	Ilhéus	BA	<i>Megaptera novaeangliae</i> (baleia-jubarte)	Concentração (reprodução)	Martins et al. (2013)
Estuário/Barra do Rio Pardo	Canavieiras	BA	<i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza)	Concentração (alimentação e reprodução)	Costa et al. (2012a), Comunicação pessoal em fevereiro de 2014: Marcelo Silveira – RESEX de Canavieiras (apud Petrobras/AECOM, 2014)
Plataforma continental (até ~1.000 m de profundidade)	-	RN até SC	<i>Megaptera novaeangliae</i> (baleia-jubarte)	Área de ocorrência confirmada	Andriolo et al. (2006, 2010a), Baracho et al. (2005), Castro et al. (2014), Lodi (1994), Martins et al. (2013), Wedekin (2011), Wedekin et al. (2010), Zerbini et al. (2004a)
Plataforma continental	-	RN até RJ	<i>Megaptera novaeangliae</i> (baleia-jubarte)	Rota migratória costeira	Andriolo et al. (2014), Castro et al. (2014), Wedekin (2011), Wedekin et al. (2010), Zerbini et al. (2006)

II.5.2.H.4. Conclusões

A partir das informações disponíveis na literatura sobre a distribuição das espécies, podemos observar que das 46 espécies de cetáceos encontradas em território nacional, 21 (45,6%) possuem ocorrência confirmada em pelo menos uma das duas bacias marinhas da área do diagnóstico, três espécies tem sua ocorrência inferida e outras cinco espécies de cetáceos têm ocorrência possível na faixa costeira ou oceânica abrangida pela área diagnosticada. Este é um número expressivo de espécies e indica que, mesmo uma pequena porção do litoral brasileiro, compreendida por apenas duas bacias marinhas, consegue abrigar 63% das espécies de cetáceos ocorrentes em toda a costa brasileira, refletindo a variedade de ecossistemas e recursos disponíveis na área, uma vez que diferentes grupos e espécies utilizam porções variadas do ambiente (estuários, regiões costeiras, talude, áreas oceânicas) e para finalidades variadas (alimentação, reprodução, descanso). Isso também mostra a importância da área para a conservação dos mamíferos marinhos. Deve-se destacar também a importância ecológica e econômica, principalmente das espécies mais abundantes na área, como a baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) e o boto-cinza (*Sotalia guianensis*), entre outros, que possuem importante papel nas cadeias tróficas marinhas, influenciando a abundância de diversas espécies exploradas pela indústria pesqueira, como peixes e cefalópodes, além de terem potencial de exploração sustentável através do turismo de observação, principalmente no caso da baleia-jubarte durante sua estação reprodutiva, no inverno. Portanto, pela grande importância e a presença dos mamíferos marinhos em todos os ambientes, de águas rasas e profundas, os projetos de prospecção e exploração de hidrocarbonetos em áreas marinhas devem levar em consideração este grupo biológico no planejamento de suas atividades.

II.5.2.H.5. Referências Bibliográficas

ALARCON, D. T.; SCHIAVETTI, A. O conhecimento dos pescadores artesanais de Itacaré sobre a fauna de vertebrados (não peixes) associados às atividades pesqueiras. **Revista de Gerenciamento Costeiro Integrado**, Itajaí, v. 4, n. 3, p. 1-4, 2005.

AMARAL, K. B.; HEINZELMANN, L.; ALVARES, D. J.; MARTINS, M. B.; MORENO, I. B. **Modelagem de Nicho Ecológico dos Golfinhos do Gênero *Stenella* (Cetartiodactyla: Delphininae) no Oceano Atlântico Sul Ocidental**. Pp. 76-95. In: MORENO, I. B. (Coord.). 203. A fauna de Odontocetos no Brasil, biogeografia e taxonomia: subsídios para a conservação - Relatório Final. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 137 p, 2013.

ANANIAS, S. M. A. **Fidelidade à área e padrão de associação em *Sotalia guianensis*, baseado na técnica de foto-identificação**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 37 p., 2006.

ANDRADE, M. C. M.; LUNA, F. O. & REIS, M. L. (orgs.). **Plano de ação nacional para a conservação dos sirênios: peixe-boi-da-Amazônia: *Trichechus inunguis* e peixe-boi-marinho: *Trichechus manatus***. ICMBio: Brasília. 80 p., 2011.

ANDRIOLO, A., KINAS, P.G. & ENGEL, M.H., MARTINS, C.C.A. & RUFINO, A.M. Humpback whales within the Brazilian breeding ground: distribution and population size estimate. **Endangered Species Research**; v. 11, p. 233-243, 2010a.

ANDRIOLO, A., ROCHA, J. M., ZERBINI, A. N., SIMÕES-LOPES, P. C., MORENO, I. B., LUCENA, A., DANILEWICZ, D. & BASSOI, M. Distribution and relative abundance of large whales in a former whaling ground off eastern South America. **Zoologia**, 27(5), 741-750, 2010b.

ANDRIOLO, A., MARTINS, C.C.A., ENGEL, M.H., PIZZORNO, J.L., MÁZ-ROSA, S., FREITAS, A.C., MORETE, M.E. & KINAS, P.G. The first aerial survey to estimate abundance of humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) in the breeding ground off Brazil (Breeding Stock A). **Journal of Cetacean Research and Management**; v. 8, n. 3, p. 307-311, 2006.

ANDRIOLO, A.; ZERBINI, A. N.; MOREIRA, S.; PIZZORNO, J. L.; DANILEWICZ, D.; MAIA, Y. G.; MAMEDE, N.; CASTRO, F. R.; CLAPHAM, P. What do humpback

whales *Megaptera novaeangliae* (Cetartiodactyla: Balaenopteridae) pairs do after tagging? **Zoologia**. 31: 105-113, 2014.

ARAÚJO, J. P. 2008. **Influência das condições ambientais sobre o comportamento do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) e sua interação com as atividades antrópicas em Pernambuco**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 74 pp.

ARAÚJO, J. P., PASSAVANTE, J. Z. O. & SOUTO, A. S. Behavior of the estuarine dolphin, *Sotalia guianensis*, at dolphin bay – Pipa – Rio Grande do Norte – Brazil. **Tropical Oceanography**. 31(2): 101-112, 2003.

ARAÚJO, J. P., ARAÚJO, M. E., SOUTO, A., PARENTE, C. L. & GEISE, L. The influence of seasonality, tide and time of activities on the behavior of *Sotalia (1) guianensis* (Van Bénéden) (Cetacea, Delphinidae) in Pernambuco, Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**. 24 (4): 1122-1130, 2007.

AZEVEDO, A.F., BISI, T.L., VAN SLUYS, M., DORNELES, P.R. & BRITO JR. L.B. Comportamento do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) (Cetacea: Delphinidae): amostragem, termos e definições. **Oecologia Brasiliensis**. v. 13, n. 1, p. 192-200, 2009.

BACHARA, W.; NORMAN, S.A. *Ziphius cavirostris* strandings - a short review. **Report of the International Whaling Commission**. SC/65a/SM01, 2013.

BAIRD, R. W. **Risso's Dolphin - *Grampus griseus***. Pp. 975-976. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). *Encyclopedia of marine mammals*. 2 ed; Elsevier. 2009.

BARACHO, C.; CIPOLOTTI, S.; MARCOVALDI, E.; ROSSI-SANTOS, M.; SILVA, M. B.; APOLINÁRIO, M. Viabilidade de estudos de foto e vídeo-identificação de cetáceos oceânicos na Rebio Atol das Rocas. Workshop " Ilhas Oceânicas Brasileiras - da Pesquisa ao Manejo". **Anais...** Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, 5-7 de julho de 2005.

BARACHO, C.; CIPOLOTTI, S.; MARCOVALDI, E.; APOLINÁRIO, M.; SILVA, M. B. The occurrence of bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the biological reserve of Atol das Rocas in north-eastern Brazil. JMBA2. **Biodiversity Records**, v. 1, p. 75, 2007.

BARACHO-NETO, C. G.; MÁS-ROSA, S.; MARCOVALDI, E. Primeiro registro da baleia-franca-do-sul (*Eubalaena australis*) no Litoral Norte da Bahia-Brasil. In: CONGRESSO DE LA SOCIEDAD LATINOAMERICANA DE ESPECIALISTAS EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS, 4., Reunión de Trabajo de Especialistas en Mamíferos Acuáticos de América Del Sur, 10., 2002, Valdivia, Chile. **Anais...** Valdivia, Chile: 2002.

BARBIERI, M. B. **Mamíferos Marinhos do Estado de São Paulo**. 51 p. Monografia (Graduação) - Curso de Biologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

BARBOSA, D. A.; LIMA, D.; SILVA, C. R.; MARMONTEL, M.; STEPHANO, A. Mortalidade do boto (*Sotalia guianensis*) no município de Amapá, estado do Amapá. XIV Reunião de Trabalho de Especialistas em Mamíferos Aquáticos da América do Sul (RT), 8º Congresso da Sociedade Latinoamericana de Especialistas em Mamíferos Aquáticos (SOLAMAC). **Anais...** Florianópolis (SC), 24 a 28 de outubro de 2010.

BARROS, N.B. Recent cetacean records for southeastern Brazil. **Marine Mammal Science**. v. 7, n. 3, p.296-306. 1991.

BATISTA, R. L. G. **Uso de área e associação entre os botos-cinza *Sotalia guianensis* (Van Béneden, 1864) do estuário do Rio Paraguaçu-BA**. 74 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Zoologia. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.

BATISTA, R.L.G., LE PENDU, Y., DE JESUS, A.C. M., REIS, M.S.S. & SCHIAVETTI, A. Estudos preliminares sobre a organização social dos botos-cinza, *Sotalia guianensis* (Van Benéden 1864) no estuário do rio Paraguaçu-BA, Brasil. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2007.

BATISTA, R.L.G., SCHIAVETTI, A., SANTOS U.A. & REIS, M.S.S. Cetaceans registered on the coast of Ilhéus (Bahia), northeastern Brazil. **Biota Neotropica**; v. 12, n. 1; p. 31-38, 2012.

BATISTA, R.L.G., ALVAREZ, M. R., REIS, M. S. S., CREMER, M. J. & SCHIAVETTI, A. Site fidelity and habitat use of the Guiana dolphin, *Sotalia guianensis* (Cetacea: Delphinidae), in the estuary of the Paraguaçu River, Northeastern Brazil. **North-Western Journal of Zoology**. 10(1): 93-100, 2014.

BEZAMAT, C., L. L. WEDEKIN, P. C. SIMÕES-LOPES. Potential ship strikes and density of humpback whales in the Abrolhos Bank breeding ground, Brazil. **Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems**. Published online in Wiley Online Library (wileyonlinelibrary.com). DOI: 10.1002/aqc.2523. 2014.

BHERING, R.C.C.; BARBOSA, L.A.; MAYORGA, L.F.S.P.; SILVEIRA, L.S.; RANGEL, M.C.V.; MARCHESI, M.D. Ingestão de lixo plástico por golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*) encalhado no Espírito Santo, Brasil. V Simpósio Brasileiro sobre Animais Silvestres e Selvagens. Viçosa - MG. **Anais do V SBASS**, 2010.

BORGES, J.C.G., VERGARA-PARENTE, J.E., ALVITE, C.M.C., MARCONDES, M.C.C & LIMA, R.P. **Embarcações motorizadas: uma ameaça aos peixes-boi marinhos (*Trichechus manatus*) no Brasil**. Biota Neotrop. vol. 7, no. 3. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v7n3/pt/abstract?article+bn03607032007>>. 2007.

CAMPOS, A.E.S.P.; ROCHA, J.C.A.G.; COLLAÇO, B.J.R.; COLLAÇO, K.M.S.L. & VIEIRA, K.A. Aspectos do comportamento de forrageio do boto-cinza *Sotalia guianensis* van Bénédén, 1864 (Cetacea, Delphinidae), no Porto de Maceió-AL. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil. **Anais....** 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu – MG, 2007.

CANTOR, M., WEDEKIN, L. L., DAURA-JORGE, F. G., ROSSI-SANTOS, M. R. & SIMÕES-LOPES, P. C. Assessing population parameters and trends of Guiana dolphins (*Sotalia guianensis*): An eight-year mark-recapture study. **Marine Mammal Science**. 28(1): 63–83, 2012.

CARVALHO, R. R.; ANDRADE, L. G.; LIMA, I. M. S.; MACEDO, H. S.; SOUZA, S. C. P.; LAILSON-BRITO, J.JR.; DORNELES, P. R. & AZEVEDO, A.F. Fidelidade do boto-cinza (*Sotalia guianensis* van Bénédén, 1864) a Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, Brasil. Anais... IX Congresso de Ecologia do Brasil. **Anais...** Rio de Janeiro. 2009.

CARVALHO, M. S.; ROSSI-SANTOS, M. R. Sightings of the bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the Trindade Island, Brazil, South Atlantic Ocean. **Marine Biodiversity Records**. Vol. 4; e15. doi:10.1017/S1755267211000029. 2011.

CASTELLO, H.P.; PINEDO, M.C. *Mesoplodon densirostris* (Cetacea, Ziphiidae), primeiro registro para o Atlântico Sul Ocidental. **Boletim do Instituto Oceanográfico**, São Paulo. v. 29, n. 2, p. 91-94, 1980.

CASTRO, F. R. MAMEDE, N.; DANILEWICZ, D.; GEYER, Y.; PIZZORNO, J. L. A.; ZERBINI, A. N. & ANDRIOLO, A. Are marine protected areas and priority areas for conservation representative of humpback whale breeding habitats in the western South Atlantic? **Biological Conservation**. v. 179, p. 106-114, 2014.

CITES - Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. **Cites-listed species database: Appendices I, II and III**. 2016.

CLAPHAM, P. J. **Humpback Whale - *Megaptera novaeangliae***. Pp. 582-584. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). *Encyclopedia of marine mammals*. 2 ed; Elsevier, 2009.

CLAPHAM, P. J.; MAYO, C. A. Reproduction and recruitment of individually identified humpback whales (*Megaptera novaeangliae*), observed in Massachusetts Bay, 1979-1985. **Canadian Journal of Zoology**. vol. 65, n. 12, p. 2853-2863, 1987.

COLLAÇO, K. M. S. L. **Uso de habitat, orçamento temporal e influência da maré e da geomorfologia do fundo, sobre o comportamento do boto *Sotalia guianensis* van Bénédén, 1864 (Cetacea: Delphinidae) no porto de Maceió - Alagoas, Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 90 p. 2008.

COSTA, M. E. B.; LE PENDU, Y. & COSTA NETO, E. M. Behaviour of *Sotalia guianensis* (van Beneden, 1864) (Cetacea, Delphinidae) and ethnoecological knowledge of artisanal fishermen from Canavieiras, Bahia, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 8, 1-19., 2012a.

COSTA, P. C. S.; CARVALHO, A. P. M.; BARBOSA, L. A.; SILVEIRA, L. S. Ingestão de lixo plástico por *Peponocephala electra* (Gray, 1846) encalhada viva no litoral do Espírito Santo – Brasil. Congresso Brasileiro de Oceanografia – CBO. **Anais...** 13 a 16 de novembro de 2012b, Rio de Janeiro.

CREMER, M. J.; SIMÕES-LOPES, P. C. Accidental capture of the pantropical spotted dolphin *Stenella attenuata* (Gray, 1846) (Delphinidae) in the Southwestern South Atlantic Ocean. **Biociências**. 5 (1): 231-233. 1997.

CULIK, B.M. 2004. **Review of Small Cetaceans: Distribution, Behaviour, Migration and Threats**. Illustrations by Maurizio Wurtz. Bonn: Artescienza. Marine Mammal Action Plan / Regional Seas Reports and Studies, 2004. n. 177, 345 p.

CULIK, B. 2010. **Odontocetes. The toothed whales: "Genus *Mesoplodon*"**. UNEP/CMS Secretariat, Bonn, Germany. Disponível em: <http://www.cms.int/reports/small_cetaceans/index.htm>. Acesso em: 03 AGO. 2016.

DALLA ROSA, L.; SECCHI, E. R.; BRITO JR, J. L. & AZEVEDO, A. F. 2002. A review of killer whales (*Orcinus orca*) in Brazilian waters. In: Fourth International Orca Symposium and Workshop. **Anais...** 23-28 September, 2002, Villiers en Bois, France, 2002. p. 46-49.

DANILEWICZ, D.; M. TAVARES; I. B. MORENO; P. H. OTT; C. C. TRIGO. Evidence of feeding by the humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) in mid-latitude waters of the western South Atlantic. **Marine Biodiversity Records**. Vol. 2; e88, p. 1-3, 2009.

DI BENEDITTO, A.P.M. Interactions between gillnet fisheries and small cetaceans in northern Rio de Janeiro, Brazil: 2001-2002. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. 2:79-86, 2003.

DI BENEDITTO, A.P.M., RAMOS, R.M.A. & LIMA, N.R.W. Sightings of *Pontoporia blainvillei* (Gervais & D'Orbigny, 1844) and *Sotalia fluviatilis* (Gervais, 1853) (Cetacea) in South-eastern Brazil. **Brazilian Archives of Biology and Technology**. v. 44, n. 3, p. 291-296, 2001.

DI TULLIO JC, GANDRA TBR, ZERBINI AN, SECCHI ER, Diversity and Distribution Patterns of Cetaceans in the Subtropical Southwestern Atlantic Outer Continental Shelf and Slope. **PLoS ONE**. 11(5): e0155841. doi:10.1371/journal.pone.0155841, 2016.

DOLAR, M. L. L. **Fraser's Dolphin - *Lagenodelphis hosei***. Pp. 469-471. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). Encyclopedia of marine mammals. 2 ed; Elsevier, 2009.

DOMNING, D., ANDERSON, P.K. & TURVEY, S. **Hydrodamalis gigas**. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T10303A3191997. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T10303A3191997.en>>. Acesso em: 03 Agosto 2016.

DÓREA-REIS, L. W. et al. Primeiros registros de *Pseudorca crassidens* (Falsa Orca) Owen, 1846 (Cetacea, Delphinidae) para o estado da Bahia. In: REUNIÃO DE TRABALHOS DE ESPECIALISTAS EM MAMÍFEROS AQUÁTICOS DA AMÉRICA DO SUL, 7., 1996, Viña del Mar. **Anais...** Viña del Mar: 1996.

ENGEL, M. H.; MARTIN, A. R. **Feeding grounds of the western South Atlantic humpback whale population**. *Marine Mammal Science*. 25(4): 964–969, 2009.

FAVARO, E. G. P. **Utilização da Baía dos Golfinhos (Pipa, RN) pelo boto *Sotalia fluviatilis* (Cetacea: Delphinidae)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2004. 35 p.

FERTL, D; JEFFERSON, T. A.; MORENO, I. B.; ZERBINI, A. & MULLIN, K. D. Distribution of the Clymene dolphin *Stenella clymene*. **Mammal Review**. 33: 253-271, 2003.

FIGUEIREDO, L. D., TARDIN, R. H., LODI, L., MACIEL, I. S., ALVES, M.A.S. & SIMÃO, S. M. Site fidelity of Bryde's whales (*Balaenoptera edeni*) in Cabo Frio region, southeastern Brazil, through photoidentification technique. **Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology**, 18(2), 59-64, 2014.

FISCH, F.; PORT, D. New stranding record of *Ziphius cavirostris* (Cuvier, 1823) (Cetacea: Ziphiidae) at Trindade Island, Brazil. **REB**. 6(3): 286-291, 2013.

FLACH, L. **Densidade, Tamanho Populacional e Distribuição do Boto-Cinza, *Sotalia guianensis* (Van Benéden, 1864), na Baía de Sepetiba, Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2004. 40 p.

FLACH, L., FLACH, P. A. & CHIARELLO, A. G. Density, abundance and distribution of the guiana dolphin, (*Sotalia guianensis* Van Benéden, 1864) in Sepetiba Bay, Southeast Brazil. **Journal of Cetacean Research and Management**. 10(1):31–36, 2008.

FLORES, P. A. C.; SILVA, V. M. F. **Tucuxi and Guiana Dolphin - *Sotalia fluviatilis* and *S. guianensis***. Pp. 1188-1192. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). *Encyclopedia of marine mammals*. 2 ed; Elsevier. 2009.

GASPARINI, J.L. & SAZIMA, I.A. 1996. A stranded melonheaded whale, *Peponocephala electra*, in southeastern Brazil, with comments on wounds from the cookiecutter shark, *Isistius brasiliensis*. **Marine Mammal Science**. 12: 308-312.

GEISE, L.; BOROBIA, M. Sobre a ocorrência de cetáceos no litoral do estado do Rio de Janeiro, entre 1968 e 1984. **Revista Brasileira de Zoologia**, 4(4): 341-346, 1988.

GONÇALVES, L. R. **Ocorrência, distribuição e comportamento de baleias-de-Bryde (*Balaenoptera edeni* Anderson, 1879) (Cetacea: Mysticeti) em zona costeira e oceânica do Sudeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2006.

GONÇALVES, M. I. C. **A actividade e a estrutura espacial dos grupos de boto-cinza, *Sotalia guianensis* (Van Bénéden, 1864), no Porto de Ilhéus - Bahia, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. 2009. 83 p.

GONÇALVES, L.R., POTIENS, T. N. ANDRIOLO, A. & AUGUSTOWSKI, M. **Ocorrência de baleias-de-Bryde (*Balaenoptera edeni* Anderson, 1879) em áreas costeiras e oceânicas: possível existência de diferentes populações**. IV ENCOPEMAQ - Encontro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos, Itajaí, SC, 12 a 15 de Novembro 2005. p20. 2005.

GROCH, K.R., MEDEIROS, C.R.M. & RONCATO, K. Projeto Baleia Franca/Brasil: 30 Anos de Pesquisa e Conservação. 4º Congresso Brasileiro de Biologia Marinha (CBBM). **Anais...** Florianópolis (SC), 2013.

GRZIMEK, B., SCHLAGER, N. OLENDORF, D. & AMERICAN ZOO AND AQUARIUM ASSOCIATION. **Grzimek's Animal Life Encyclopedia**. 2. ed. (17 vol.). Gale Group, 2003.

GUILHERME-SILVEIRA, F. R. & SILVA, F. J. L. Diurnal and tidal pattern influencing the behaviour of *Sotalia guianensis* on the north-eastern coast of Brazil. **JMBA2 - Biodiversity Records**. 2009. Disponível em: <<http://www.car->

spaw-
rac.org/IMG/pdf/Diurnal_and_tidal_pattern_influencing_the_behaviour_of_Sotalia_guianensis_on_the_north-eastern_coast_of_Brazil.pdf>.

GUIMARÃES, J.P.; BATISTA, R.L.G.; MARIANI, D.B.; VERGARA-PARENTE, J.E.
Article: Ingestion of plastic debris by estuarine dolphin, *Sotalia guianensis*, off northeastern Brazil. **Arquivos de Ciências do Mar**. v. 46(1): 107–112, 2013.

GURJÃO, L.M., FURTADO-NETO, M.A.A., SANTOS, R.A. & CASCON, P. Notas sobre a dieta de cachalotes (Cetacea: Physeteroidea), encalhados no Ceará, nordeste do Brasil. **Arquivos de Ciência do Mar**, Fortaleza, 2003, v. 36, p. 67-75.

GURJÃO, L. M.; FREITAS, J.E.P.; ARAÚJO, D. S. Sightings of dolphins during seismic surveys in the coast of Bahia state, Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. 3(2): 171-175, 2004.

HAMMOND, P.S., BEARZI, G., BJØRGE, A., FORNEY, K.A., KARKZMARSKI, L., KASUYA, T., PERRIN, W.F., SCOTT, M.D., WANG, J.Y., WELLS, R.S. & WILSON, B. *Stenella attenuata*. In: **The IUCN Red List of Threatened Species**. 2012. Disponível em: <www.iucnredlist.org>.

HASSEL, L.B., VENTUROTTI, A., MAGALHÃES, F.A., CUENCA, S., SICILIANO, S. & MARQUES, F.F.C. Summer sightings of dwarf minke whales (Balaenoptera acutorostrata) off the eastern coast of Rio de Janeiro state, Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. 2(1): 47-50, 2003.

IUCN - International Union for Conservation of Nature. **The IUCN Red List of Threatened Species**. v. 2016.1. 2016. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org/>>.

IWC - International Whaling Commission. Report of the workshop on the comprehensive assessment of right whales: a worldwide comparison. International Whaling Commission. **Journal of Cetacean Research and Management**. Special Issue 2: 1-60, 2001.

IZIDORO, F.B.; LE PENDU, Y. Estuarine dolphins (*Sotalia guianensis*, Cetacea, Delphinidae) play at Porto de Ilhéus harbor, Bahia, Brazil. **Pan-American Journal of Aquatic Sciences**. v. 7, n. 1, p. 27-36, 2012a.

IZIDORO, F.B. & LE PENDU, Y. Estuarine dolphins (*Sotalia guianensis*) (Van Bénédén, 1864) (Cetacea: Delphinidae) in Porto de Ilhéus, Brazil: group characterisation and response to ships. **North-American Journal of Zoology**. v. 8, n. 2, p. 232-240, 2012b.

JEFFERSON, T.A. & BARROS, N.B. *Ponocephala electra*. Mammalian Species, American Society of Mammalogists. v. 553, p. 1-6, 1997.

JESUS, A.H.; FARIAS, K.L.M.; SANTOS, E.A.P.; SILVA, E.M.; SOBRAL, I.S.; OLIVEIRA, M.A. & DONALD, R.D.M. Análises preliminares da ocorrência do boto cinza (*Sotalia guianensis*) no litoral sul de Sergipe, Brasil. **Anais...** do XX Encontro Anual de Etologia, Natal. 2002.

LIMA, M. S. **Uso de habitat e comportamento do boto-cinza *Sotalia guianensis* em uma zona estuarina do Estado de Sergipe, Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 101 f. 2010.

LIMA, A.F.B., GONÇALVES, L.R.; QUEIROZ, E.L. Registro histórico de encalhe de uma baleia-de-Bryde *Balaenoptera edeni* Anderson, 1879 (Mysticeti: Balaenopteridae), no Rio Paraguaçu, Baía de Todos os Santos, Bahia, Brasil. **Bioikos**, Campinas, 2006, v. 20, n. 2, p. 75-79.

LIMA, I. M. S., L. G. ANDRADE, R. R. CARVALHO, J. LAILSON-BRITO JR. & A. F. AZEVEDO. Characteristics of whistles from rough-toothed dolphins (*Steno bredanensis*) in Rio de Janeiro coast, southeastern Brazil. **J. Acoust. Soc. Am.** 131 (5): 4173–4181, 2012a.

LODI, L. Ocorrências de baleias-jubarte, *Megaptera novaeangliae*, no Arquipélago de Fernando de Noronha, incluindo um resumo de registros de capturas no Nordeste do Brasil. **Biotemas**. 7(1 e 2): 116-123, 1994.

LODI, L., WEDEKIN, L. L., ROSSI-SANTOS, M. R. & MARCONDES, M. C. Movements of the bottlenose Dolphin (*Tursiops truncatus*) in the Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. **Biota Neotropica**. 8(4): 205-209, 2008.

LODI, L., SICILIANO, S.; CAPISTRANO, L. Mass stranding of *Ponocephala electra* (Cetacea, Globicephalidae) on Piracanga beach, Bahia, Northeastern Brazil. **Scientific Reports of Cetacean Research**. v. 1, p. 79-84, 1990.

LODI, L. & HETZEL, B. O golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*) no Brasil. **Bioikos**. 12(1): 29-45. 1998a.

LODI, L.; HETZEL, B. *Orcinus orca* (Cetacea; Delphinidae) em águas costeiras do Estado do Rio de Janeiro. **Bioikos**. 12(1): 46-54, 1998b.

LODI, L.; OLIVEIRA, R. H. T.; FIGUEIREDO, L. D. & SIMÃO, S. M. Movements of the rough-toothed dolphin (*Steno bredanensis*) in Rio de Janeiro State, south-eastern Brazil. **Marine Biodiversity Records**. 5(e47):1-4. 2012.

LODI, L., TARDIN, R. H., HETZEL, B., MACIEL, I. S., FIGUEIREDO, L. D. & SIMÃO, S. M. Bryde's whale (Cetartiodactyla: Balaenopteridae) occurrence and movements in coastal areas of southeastern Brazil. **Zoologia**. 32(2): 171-175, 2015.

LUCENA, A. Estrutura populacional da *Balaenoptera bonaerensis* (Burmeister) (Cetacea: Balaenopteridae) nas áreas de reprodução do Oceano Atlântico Sul. **Revista Brasileira de Zoologia**. v. 23. n. 1, p. 176-185, 2006.

LUNA, F.O. The South Atlantic: a Sanctuary for whales. In: ANNUAL MEETING OF THE INTERNATIONAL WHALING COMMISSION, 65., 2014, Portoroz, Slovenia. **Anais...** Slovenia: Government of Argentina, Brazil, South Africa and Uruguay, 2014. 2. ed., 65 p.

MACLEOD, C. D.; PERRIN, W. F.; PITMAN, R.; BARLOW, J.; BALLANCE, L.; D'AMICO, A.; GERRODETTE, T.; JOYCE, G.; MULLIN, K. D.; PALKA, D. L.; WARING, G. T. Known and inferred distributions of beaked whale species (Cetacea: Ziphiidae). **Journal of Cetacean Research and Management**. v. 7, n. 3, p. 271–286, 2006.

MAGALHÃES, F.A., SEVERO, M.M., TOSI, C.H., GARRI, R.G., ZERBINI, A.N., CHELLAPPA, S. & SILVA, F.J.L. Record of a dwarf minke whale (*Balaenoptera acutorostrata*) in northern Brazil. **JMBA2 - Biodiversity Records**. 2006. Published online. Disponível em: <http://www.car-spaw-rac.org/IMG/pdf/Record_of_a_dwarf_minke_whale_Balaenoptera_acutorostrata_in_northern_Brazil.pdf>.

MAGALHÃES, F. A.; GARRI, R. G.; TOSI, C. H.; SICILIANO, S.; CHELLAPPA, S.; SILVA, F. J. L. First confirmed record of *Feresa attenuata* (Delphinidae) for the Northern Brazilian Coast. **Biota Neotropica**. 7(2): 313-315, 2007.

MAIA-NOGUEIRA, R. Primeiro registro de golfinho-de-Risso (*Grampus griseus*) G. Cuvier, 1812 (Cetacea, Delphinidae), no litoral do Estado da Bahia, incluindo uma revisão da espécie em águas brasileiras. **Bioikos, Puc-Campinas**. 14(1): 34-43, 2000.

MAIA-NOGUEIRA, R.; G. O. NORBERTO; L. W. DOREA-REIS; M. S. S. REIS. Ocorrência e encalhes de cetáceos no litoral de Salvador e adjacências, Estado da Bahia, de 1994 a 1999. Resumo: XXIV Congresso da Sociedade de Zoológicos do Brasil (SZB) e V Encontro Internacional de Zoológicos. **Anais...** Belo Horizonte, MG, Brasil. p.23, 2000.

MAIA-NOGUEIRA, R.; NUNES, J.A.C.C. Record of the Layard's beaked whale, *Mesoplodon layardii* (Gray, 1856), in Northeastern Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. v. 4, n. 2, p. 137-139, 2005.

MAIA-NOGUEIRA, R., BARACHO, C.G.; SERRA, S.D. Revisão dos registros do gênero *Kogia* (Gray, 1846) (Cetacea, Physeteridae, Kogiinae) no litoral do nordeste do Brasil, incluindo dados osteológicos. **Bioikos, Campinas**, 2001a, v. 15, n. 1, p. 50-59, 2001a.

MAIA-NOGUEIRA et al. Primeiro registro de *Stenella coeruleoalba* Meyen, 1833 (Cetacea, Delphinidae) no litoral do Estado da Bahia, incluindo uma revisão da espécie em águas brasileiras. **Bioikos, Campinas**. 15(1): 45-49, 2001b.

MAMEDE, N. S. **Caracterização espaço-temporal da população de boto-cinza, Van Béneden, 1864 (Cetacea: Delphinidae) na Baía de Benevente, Espírito Santo, e implicações para a conservação**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Espírito Santo. 2015. 121 pp.

MARIGO, J.; GIFFONI, B. B. Sightings and bycatch of small pelagic cetaceans, new information registered by volunteer fishermen off São Paulo, Brazil. **Brazilian Journal of Oceanography**. 58(1): 71-75, 2010.

MARTINS, C. C. A.; ANDRIOLO, A.; ENGEL, M.H.; KINAS, P.G.; SAITO, C.H. Identifying priority areas for humpback whale conservation at Eastern Brazilian Coast. **Ocean & Coastal Management**; v. 75, p. 63-71, 2013.

MARTINS, A. M. A.; ALVES JR., T. T.; FURTADO NETO, M. A. A.; LIEN, J. The most northern record of Gervais' beaked whale, *Mesoplodon europaeus* (Gervais, 1855), for the southern hemisphere. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. 3(2): 151-155, 2004.

MAYORGA, L. F. S. P.; BARBOSA, L. A.; BHERING, R. C. C. Primeiros registros de encalhe de *Ziphius cavirostris* (Cetacea, Odontoceti) na costa do Espírito Santo, Brasil. **Biotemas**. 23(3): 223-226, 2010.

MEDEIROS, P. I. A. P. **Encalhes de cetáceos ocorridos no período de 1984 a 2005 no litoral do Rio Grande do Norte, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 57 p. 2006.

MEIRELLES, A. C. O. **Ecologia populacional e comportamental do boto-cinza, *Sotalia guianensis* (van Bénédén, 1864), na Enseada do Mucuripe, Fortaleza, Estado do Ceará**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará. 2013. 132 pp.

MEIRELLES, A. C. O.; BARROS, H. M. D. R. Plastic debris ingested by a rough-toothed dolphin, *Steno bredanensis*, stranded alive in northeastern Brazil. **Biotemas**, 20 (1): 127-131, 2007.

MELO, C. L. C. **Hábito alimentar do boto-cinza, *Sotalia guianensis* (Cetacea: Delphinidae), na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2010. 118 p.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Lista Nacional Oficial de Espécies Ameaçadas de Extinção – Flora, Fauna, Peixes e Invertebrados Aquáticos**. Publicada através das Portarias nº 443, 444 e 445, de 17 de dezembro de 2014.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Especificações e normas técnicas para elaboração de cartas de sensibilidade ambiental para derramamentos de óleo**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, DF, 107 p., 2004.

MONTEIRO, M.S. **Comportamento de forrageio do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) em Olinda e no Porto do Recife, Pernambuco**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. 2008. 92 pp.

MOREIRA, S.C.; FERNANDES, T.; ERBER, C.;ALENCASTRO, P.M.R.; SILVA, E.D.; RINALDI, G.;ARAGÃO, R.X.; FIGNA, V. & RAMOS, R. Ocorrência de cachalotes (*Physeter macrocephalus*) na costa do Brasil. In: REUNIÓN DE TRABAJO DE ESPECIALISTAS EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS DE AMÉRICA DEL SUR, 11., 2004, Quito, Ecuador. **Anais...** Quito: set. 2004, p.160-161.

MORENO, I. B., DANILEWICZ, D., BORGES-MARTINS, M., OTT, P.H., CAON, G. & OLIVEIRA, L.R. Fraser's dolphin (*Lagenodelphis hosei* Fraser, 1956) in Southern Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. v. 2, n. 1, p 39-46, 2003b.

MORENO, I. B. (Coord.). **A fauna de Odontocetos no Brasil, biogeografia e taxonomia: subsídios para a conservação - Relatório Final**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 137 p, 2013.

MORENO, I.B., ZERBINI, A.N., DANILEWICZ, D., SANTOS, M.C.O., SIMÕES-LOPES, P.C., LAILSON-BRITO JR., J. & AZEVEDO, A.F. Distribution and habitat characteristics of dolphins of the genus *Stenella* (Cetacea: Delphinidae) in the southwest Atlantic Ocean. **Marine Ecology Progress Series**; v. 300, p. 229-240, 2005.

MOURA JF, ACEVEDO-TREJOS E, TAVARES DC, MEIRELLES ACO, SILVA CPN, OLIVEIRA LR, et al. Stranding Events of *Kogia* Whales along the Brazilian Coast. **PLoS ONE**. 11(1): e0146108. doi:10.1371/journal.pone.0146108. 2016.

MOURA, J. F.; SICILIANO, S. Stranding pattern of Bryde's whales, *Balaenoptera edeni*, along the southeastern Brazilian coast. Paper SC/63/O9, 2011. In: IWC SCIENTIFIC COMMITTEE, 63., 2011, Saint Helier. **Anais...** Saint Helier: IWC, 2011.

NASCIMENTO, L. F. **Boto cinza (*Sotalia guianensis*, Van Benédén, 1864) (Cetacea, Delphinidae): Atividade aérea, forrageio e interações inter específicas, na Praia de Pipa (Tibau do Sul-RN) e um estudo comparativo entre duas populações do Nordeste do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2006. 116 p.

NERY, M. F. **Fidelidade de Habitat e Estimativa Populacional de *Sotalia guianensis* (Cetacea, Delphinidae) da Baía de Sepetiba – RJ, por meio da técnica de marcação-recaptura**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2008. 63p.

NERY, M. F., ESPÉCIE, M. A. & SIMÃO, S. M. Site fidelity of *Sotalia guianensis* (Cetacea: Delphinidae) in Sepetiba Bay, Rio de Janeiro, Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**. 25(2): 182-187, 2008.

NUNES, E. S., CARVALHO, G. & SILVA, M. N. Reações comportamentais de *Sotalia guianensis*, (boto-cinza), durante encontro com embarcações no estuário do Rio Sergipe e Foz do Rio Poxim, Aracaju, Sergipe. **Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde**. 2(1): 111-129, 2014.

OLIVEIRA, J.A.; ÁVILA, F.J.C.; ALVES-JÚNIOR, T.T.; FURTADO-NETO, M.A.A.; MONTEIRO-NETO, C. Monitoramento do boto cinza, *Sotalia fluviatilis* (CETACEA: Delphinidae) em Fortaleza, estado do Ceará, Brasil. **Arquivos de Ciências do Mar**, v. 29, n. 1-2, p. 28-35, 1995.

OTT, P. H; DANILEWICZ, D. Southward range extension of *Steno bredanensis* in the Southwest Atlantic and new records of *Stenella coeruleoalba* for Brazilian waters. **Aquatic Mammals**. 22.3: 185–189, 1996.

PAGLIA, A.P., FONSECA, G.A.B., RYLANDS, A.B., HERRMANN, G., AGUIAR, L., CHIARELLO, A.G., LEITE, Y.L.R., COSTA, L.P., SICILIANO, S., KIERULFF, M.C.M., MENDES, S. L., TAVARES, V.C., MITTERMEIER, R.A. & PATTON, J.L. **Lista anotada dos mamíferos do Brasil**. 2 ed. Occasional Papers in Conservation Biology, No. 6. Conservation International, Arlington, 76p, 2012.

PARO, A. D. **Estimativa populacional e uso de hábitat do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) no litoral sul do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte. 2010. 129 pp.

PETROBRAS/AECOM. **Diagnóstico de Fauna do Litoral da Bahia e Norte do Espírito Santo**. Rio de Janeiro, 2014. 185 p.

PINEDO, M. C.; LAMMARDO, M. P.; BARRETO, A. S. Review of *Ziphius cavirostris*, *Mesoplodon grayi* and *Lagenodelphis hosei* (CETACEA) in Brazilian waters, with new records from Southern Brazil. **Rio Grande: Atlântica**. v. 23, p. 67-76, 2001.

PINEDO, M. C.; BARRETO, A. S.; LAMMARDO, M. P.; ANDRADE, A. L. V.; GERACITANO, L. Northernmost records of the spectacled porpoise, Layard's

beaked whale, Commerson's dolphin, and Peale's dolphin in the southwestern Atlantic Ocean. **Aquatic Mammals**, v. 28, n. 1, p. 32-37, 2002.

PINHEIRO, F. C. F. **Padrões de uso do habitat do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) da região da foz do rio Doce, costa norte do Espírito Santo, Sudeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2014. 39 p.

PITMAN, R. L. **Mesoplodont whales**. Pp. 721-726. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). *Encyclopedia of marine mammals*. 2 ed; Elsevier, 2009.

QUEIROZ, R. E. M. **Estudo sobre orçamento de atividade so boto cinza (*Sotalia guianensis*) no litoral sul do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2006. 70 p.

RAMOS, R. M. A., SICILIANO, S., BOROBIA, M., ZERBINI, A.N., PIZZORNO, J.L.A., FRAGOSO, A.B.L., LAILSON-BRITO JR., J., AZEVEDO, A.F., SIMÕES-LOPES, P.C. & SANTOS, M.C.O. A note on strandings and age of sperm whales (*Physeter macrocephalus*) on the Brazilian coast. **Journal of Cetacean Research and Management**; v. 3, n. 3, p.321-327, 2001.

REEVES, R. R.; CLAPHAM, P. J.; BROWNELL JR., R. L.; SILBER, G. K. **Recovery plan for the blue whale (*Balaenoptera musculus*)**. Office of Protected Resources, National Marine Fisheries Service (NOAA), National Oceanic and Atmospheric Administration. Silver Spring, Maryland. 1998. 42 p.

REILLY, S.B., BANNISTER, J.L., BEST, P.B., BROWN, M., BROWNELL JR., R.L., BUTTERWORTH, D.S., CLAPHAM, P.J., COOKE, J., DONOVAN, G.P., URBÁN, J. & ZERBINI, A.N. 2008. ***Balaenoptera musculus***. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T2477A9447146. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T2477A9447146.en>>.

REIS, A. N.; LIMA, M. S.; BELO, V. M. S.; AZEVEDO, M. A. L. & TERRA, R. F. C. Ocorrência, distribuição e comportamento do boto-cinza, *Sotalia guianensis* (vanBénéden, 1864) (Cetacea, Delphinidae) no estuário do Rio Vaza-Barris, litoral sul do estado de Sergipe, Brasil. XIV Reunião de Trabalho de Especialistas em Mamíferos Aquáticos da América do Sul (RT) e 8º Congresso da Sociedade Latinoamericana de Especialistas em Mamíferos Aquáticos(SOLAMAC), **Anais...** Florianópolis (SC). 2010.

REIS, S. S. **Uso do hábitat pelo boto-cinza *Sotalia guianensis* (van Benédén 1864) (Cetacea: Delphinidae) na baía de Benevente, ES, Brasil.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2013. 56 p.

REYNOLDS, J. E.; POWELL, J. A.; TAYLOR, C. R. **Manatees - *Trichechus manatus*, *T. senegalensis*, and *T. inunguis*.** Pp. 682-691. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). *Encyclopedia of marine mammals*. 2 ed; Elsevier. 2009.

ROCHA-CAMPOS, C. C.; CÂMARA. I. G. **Plano de ação nacional para conservação dos mamíferos aquáticos: Grandes cetáceos e pinípedes.** Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Diretoria de Conservação da Biodiversidade, Coordenação Geral de Espécies Ameaçadas, 2011. n. 14, 156 p.

ROCHA-CAMPOS, C. C., CÂMARA. I. G.; PRETTO, D. J. **Plano de ação nacional para conservação dos mamíferos aquáticos: Pequenos cetáceos.** Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Diretoria de Conservação da Biodiversidade, Coordenação Geral de Espécies Ameaçadas, 2011. n. 18, 132 p.

ROSSI-SANTOS. M. R. **Ecologia comportamental do boto cinza, *Sotalia guianensis* (Van Bénédén, 1874) (Cetacea: Delphinidae) na região extremo sul do Estado da Bahia, Nordeste do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2006. 98 p.

ROSSI-SANTOS M. R., NETO E.S., BARACHO C.G., CIPOLOTTI S.R., MARCOVALDI E. & ENGEL M.E. Occurrence and distribution of humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) on the north coast of the State of Bahia, Brazil, 2000–2006. **ICES Journal of Marine Science**; v. 65, p. 667–673, 2008.

ROSSI-SANTOS, M. R.; WEDEKIN, L.; ENGEL, M. H. Behavioral Ecology of the *Sotalia guianensis* dolphins in the Extreme Southern Bahia, Brazil. In: INTERNATIONAL ETHOLOGICAL CONFERENCE, 28., 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Sociedade Brasileira de Etologia, 2003.

ROSSI-SANTOS, M.; SEDEKIN, L. L.; SOUSA-LIMA, R. S. Distribution and habitat use of small cetaceans off Abrolhos Bank, Eastern Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Mammals**; v. 5, n. 1, p. 23-28, 2006a.

ROSSI-SANTOS, M., BARACHO, C. B., SANTOS NETO, E.; MARCOVALDI, E. **First sightings of the pygmy killer whale, *Feresa attenuata*, for the Brazilian coast.** JMBA2-Biod. 2006b. Publicado online. Disponível em: <<http://www.mba.ac.uk/jmba/jmba2biodiversityrecords.php>>.

ROSSI-SANTOS, M. R.; FLORES, P. A. C. Feeding Strategies of the Guiana Dolphin *Sotalia guianensis*. **The Open Marine Biology Journal.** vol. 3, p. 70-76, 2009.

ROSSI-SANTOS, M. R.; SANTOS-NETO, E.; BARACHO, C. G. Interspecific cetacean interactions during the breeding season of humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) on the north coast of Bahia State, Brazil. **Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom;** v. 89, n. 5, p. 961-966, 2009.

ROSSI-SANTOS, M. R., WEDEKIN, L.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A. Residence and site fidelity of *Sotalia guianensis* in the Caravelas River Estuary, eastern Brazil. **Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom;** v. 87, p. 207-212, 2007.

SAMPAIO, C. L. S.; AROUCHA, E. C. Registro de cachalote anão, *Kogia simus* (Owen, 1866) no litoral da Bahia, Nordeste do Brazil. **Bioikos, Campinas.** v. 14, n. 1, p. 28-33, 2000.

SANTOS, M. C. O.; S. SICILIANO,; S. P. SOUZA,; J. L. A. PIZZORNO. Occurrence of southern right whales (*Eubalaena australis*) along southeastern Brazil. **The Journal of Cetacean Research and Management.** v. 2, p. 153-156, 2001.

SANTOS, M. C. O.; NETTO, D. F. Killer whale (*Orcinus orca*) predation on a franciscana dolphin (*Pontoporia blainvillei*) in Brazilian waters. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM).** 4(1): 69-72, 2005.

SANTOS, M. S. **Sazonalidade e interação com embarcação do boto-cinza, *Sotalia guianensis*, (Cetacea: Delphinidae) no porto do Malhado, Ilhéus, Bahia - Brasil.** 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sistemas Aquáticos Tropicais, Programa de Pós-Graduação em Sistemas Aquáticos Tropicais, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2010.

SANTOS, R. A.; HAIMOVICI, M. Cephalopods in the diet of marine mammals stranded or incidentally caught along southeastern and southern Brazil (21-34°S). **Fisheries Research**. v. 52, p. 99-112, 2001.

SANTOS, M. C. O.; ZAMPIROLI, E.; CASTRO, A. F. V.; ALVARENGA, F. S. A Gervais' beaked whale (*Mesoplodon europaeus*) washed ashore in southeastern Brazil: extra limital record? **Aquatic Mammals**. 29.3: 404-410, 2003.

SANTOS, U.A., ALVAREZ, M.R., SCHILLING, A.C., STRENZEL, G.M.R. & LE PENDU, Y. Spatial distribution and activities of the estuarine dolphin *Sotalia guianensis* (van Bénédén, 1864) (Cetacea, Delphinidae) in Pontal Bay, Ilhéus, Bahia, Brazil. **Biota Neotrop**. 10(2): 67-73, 2010.

SANTOS, M.; SCHIAVETTI, A. & ALVAREZ, M. R. Surface patterns of *Sotalia guianensis* (Cetacea: Delphinidae) in the presence of boats in Port of Malhado, Ilhéus, Bahia, Brazil. **Lat. Am. J. Aquat. Res**. 41(1): 80-88, 2013.

SECCHI, E. R.; ZARZUR, S. Plastic debris ingested by a Blainville's beaked whale, *Mesoplodon densirostris*, washed ashore in Brazil. **Aquatic Mammals**; v. 25, n. 1, p. 21-24, 1999.

SECCHI, E. R.; BARCELLOS, L.; ZERBINI, A. N.; DALLA ROSA, L. Biological observations on a dwarf minke whale, *Balaenoptera acutorostrata*, caught in southern Brazilian waters, with a new record of prey for the species. **Latin American Journal of Aquatic Mammals (LAJAM)**. 2(2): 109-115, 2003b.

SICILIANO, S., EMIN-LIMA, R., RODRIGUES, A.L.F., DE SOUSA E SILVA JR., J., SCHOLL, T.G.S. & MOURA DE OLIVEIRA, J. Antarctic minke whales (*Balaenoptera bonaerensis*) near the Equator. Document SC/63/IA2. In: INTERNATIONAL WHALING COMMISSION, 63., 2011, Saint Helier. **Anais...** Saint Helier: IWC, 2011.

SICILIANO, S., MORENO, I.B., DEMARI, E., SILVA, E. & ALVES, V.C. **Baleias, botos e golfinhos na Bacia de Campos**. Serie Guias de Campo – Fauna Marinha da Bacia de Campos. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 2006. 1. ed., v. 1. 100 p.

SICILIANO, S.; SANTOS, M. C. O.; VICENTE, A. F. C.; ALVARENGA, F. S.; ZAMPIROLI, E.; BRITO JR, J. L.; AZEVEDO; A. F.; PIZZORNO, J. L. A. Strandings and feeding records of Bryde's whales (*Balaenoptera edeni*) in south-

eastern Brazil. **Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom**. 84: 857-859, 2004.

SICILIANO S, EMIN-LIMA NR, COSTA AF, RODRIGUES ALF, MAGALHÃES FA, TOSI CA, GARRI RG, SILVA CR, SILVA JS, Jr. Revisão do conhecimento sobre os mamíferos aquáticos da costa norte do Brasil. **Arquivos do Museu Nacional**. Rio de Janeiro. 66: 1–21. 2008.

SILVA-JR., J. M. **Os golfinhos de Noronha**. Editora Bambu. São Paulo. 2010.

SIMMAM. 2016. **Banco de dados do Sistema de Monitoramento de Mamíferos Marinhos – SIMMAM**. Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar – CTTMar, Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Disponível em: <<http://simmam.acad.univali.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SOUSA-LIMA, R. S.; CLARK, C. W. Using passive acoustic technology, researchers record the movements of whales, assess the impacts of noise from boat tours, and help refine tourism management. **Park Science**. 26(1): 59-63, 2009.

SOUTO, L.R.A., OLIVEIRA, J.G.A., NUNES, J.A.C.C., MAIA-NOGUEIRA, R. & SAMPAIO, C.L.S. Análise das mordidas de tubarões-charuto, *Isistius* spp. (Squaliformes: Dalatiidae) em cetáceos (Mammalia: Cetacea) no litoral da Bahia, Nordeste do Brasil. **Revista Biotemas**; v. 20, n. 1, p. 19-25, 2007.

SPÍNOLA, J. L. **Atividade comportamental diurna do boto-cinza, *Sotalia guianensis* (Van Bénédén, 1964) (Cetacea, Delphinidae), na barra do rio Paraguaçu, Estado da Bahia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2006. 79 p.

SPÍNOLA, J. L.; REIS, M. S. A influência de embarcações no comportamento do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) no estuário do Rio Paraguaçu, Estado da Bahia. In: **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**, 23 a 28 de setembro de 2007, Caxambu.

TAVARES, M.; MORENO, I.B.; SICILIANO, S.; RODRÍGUEZ, D.; SANTOS, M. C. O.; LAILSON-BRITO JR, J.; FABIÁN, M. E. Biogeography of common dolphins (genus *Delphinus*) in the Southwestern Atlantic Ocean. **Mammal Review**. 40(1): 40–64, 2010.

TOLEDO, G. A. C. **O homem e a baleia: aspectos históricos, biológicos, sociais e econômicos da caça na Paraíba.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. 163 p.

TOLEDO, G.; LANGGUTH, A. Data on biology and exploitation of West Atlantic sperm whales, *Physeter macrocephalus* (Cetacea: Physeteridae) off the coast of Paraíba, Brazil. **Zoologia.** 26 (4): 663–673, 2009.

TOSI C. H., MAGALHÃES, F. A.; GARRI, R. G. Meat consumption of a Fraser's dolphin (*Lagenodelphis hosei*) stranded alive on the northern Brazilian coast. **Marine Biodiversity Records**; v. 2, n. 4, 2009.

WEDEKIN, L. L. NEVES, M. C.; MARCONDES, M. C. C.; BARACHO, C.; ROSSI-SANTOS, M. R.; ENGEL, M. H. Site fidelity and movements of humpback whales on the Brazilian breeding ground southwestern Atlantic. **Marine Mammal Science.** 26(4): 787-802, 2010.

WEDEKIN, L. L. **Ecologia populacional da baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae* Borowski, 1871) em sua área reprodutiva na costa do Brasil, Oceano Atlântico Sul.** 144 p. Tese (Doutorado) - Curso de Zoologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

WEDEKIN, L.L., FREITAS, A., ENGEL, M.H., & SAZIMA, I. Rough-Toothed Dolphins (*Steno bredanensis*) Catch Diskfishes while Interacting with Humpback Whales (*Megaptera novaeangliae*) off Abrolhos Bank Breeding Ground, Southwest Atlantic. **Aquatic Mammals.** 30(2): 327-329, 2004.

WEDEKIN, L. L., ROSSI-SANTOS, M. R., BARACHO, C., CYPRIANO-SOUZA, A.L., & SIMÕES-LOPES, P.C. Cetacean records along a coastal-offshore gradient in the Vitória-Trindade Chain, western South Atlantic Ocean. **Brazilian Journal of Biology**; v. 74, n. 1, p. 137-144, 2014.

WHITEHEAD, H. **Sperm Whale – *Physeter macrocephalus*.** Pp. 1091-1097. In: PERRIN, W. F., WÜRSIG, B., THEWISSEN, J. G. M. (Eds.). **Encyclopedia of marine mammals.** 2 ed; Elsevier. 2009.

ZERBINI, A. N.; KOTAS, J. E. A Note on Cetacean Bycatch in Pelagic Driftnetting off Southern Brazil. Document SC/49/SM7. **Report of the International Whaling Commission**. vol. 48, p. 519-524, 1998.

ZERBINI, A. N.; SECCHI, E. R. The dwarf form of the minke whale, *Balaenoptera acutorostrata*, Lacépède, 1804 in Brazil. Document SC/47/SH18. **Report of the International Whaling Commission**. vol. 46, p. 333-340, 1996.

ZERBINI, A. N. ; SECCHI, E. R.; SICILIANO, S. & SIMÕES-LOPES, P. C. 1997. A review of the occurrence and distribution of whales of the genus *Balaenoptera* along the Brazilian coast. Document SC/48/SH4. **Report of the International Whaling Commission**. vol. 47. p. 407-417, 1997.

ZERBINI, A.N., SICILIANO, S. & PIZZORNO, J.L.A. **Diagnóstico para os mamíferos marinhos**. Em: Programa de avaliação e ações prioritárias para as zonas costeira e marinha. 56p, 1999.

ZERBINI, A. N., A. ANDRIOLO, M. P. HEIDE-JØRGENSEN, J. L. PIZZORNO, Y. G. MAIA, G. R. VANBLARICOM, D. P. DEMASTER, P. C. SIMOES-LOPES, S. MOREIRA, C. P. BETHLEM. Satellite-monitored movements of humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) in the southwest Atlantic Ocean. **Marine Ecology Progress Series**. 2006. 313:295–304.

ZERBINI, A.N., ANDRIOLO, A., HEIDE-JØRGENSEN, M.-P., MOREIRA, S., PIZZORNO, J.L., MAIA, Y.G., VANBLARICOM, G., DEMASTER, D.P. Migration and summer destinations of humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) in the western South Atlantic Ocean. **J. Cetacean Res. Manag. Spec. Issue**. 2011. 3: 113–118.

ZERBINI, A. N.; ANDRIOLO, A.; ROCHA, J.; SIMÕES-LOPES, P. C.; SICILIANO, S.; PIZZORNO, J. L.; WAITE, J.; DEMASTER, D. P. & BLARICOM, G. R. Winter Distribution and Abundance of Humpback Whales (*Megaptera novaeangliae*) off Northeastern Brazil. **Journal of Cetacean Management**, 6(1):101-107. 2004a.

ZERBINI, A. N.; SECCHI, E. R.; BASSOI, M.; ROSA, L. D.; HIGA, A.; SOUSA, L.; MORENO, I.B.; MÖLLER, L. M. & CAON, G. **Distribuição e abundância relativa de cetáceos na Zona Econômica Exclusiva na Região Sudeste-Sul do Brasil**. Série Documentos Revizee - Score Sul, Brasil. IOUSP, São Paulo. 2004b.